

UFRGS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO

MATHEUS FREITAS DA ROSA

**TVE-RS: A PRODUÇÃO DO INTERIOR GAÚCHO NO TELEJORNALISMO
PÚBLICO**

PORTO ALEGRE
2016

MATHEUS FREITAS DA ROSA

**TVE-RS: A PRODUÇÃO DO INTERIOR GAÚCHO NO TELEJORNALISMO
PÚBLICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello

PORTO ALEGRE

2016

CIP – Catalogação na Publicação

Rosa, Matheus Freitas da.

TVE-RS: A produção do interior gaúcho no
Telejornalismo Público / Matheus Freitas da Rosa. –
2016.

79 f.

Orientador: Flávio Porcello.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Curso de Comunicação Social: Jornalismo, Porto
Alegre, BR-RS, 2016.

1. Televisão. 2. Comunicação pública. 3. Telejornalismo. 4.
Produção regional. I. Porcello, Flávio, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da
UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MATHEUS FREITAS DA ROSA

TVE-RS: A PRODUÇÃO DO INTERIOR GAÚCHO NO TELEJORNALISMO
PÚBLICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello – UFRGS/DECOM

Orientador

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto – UFRGS/DECOM

Examinador

Prof. Ms. Leandro Olegário dos Santos – UNIRITTER

Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, professor Flávio Porcello, pela plena disposição em participar do trabalho e por fazê-lo de maneira decisiva desde a constituição do objeto de pesquisa até as revisões finais. Da TVE-RS, minha gratidão aos colegas Carlos Hammes, Lucas Guarnieri, Militão Ricardo e Paulo Augusto Cardoso, pelas informações essenciais sobre o canal do Youtube e a rede de parceiros da emissora. Da mesma forma, agradeço a equipe do telejornal Segunda Edição, por permitirem minha observação de suas rotinas de trabalho. Muito obrigado também aos professores Luiz Artur Ferraretto e Leandro Olegário por aceitarem a tarefa de avaliar o presente trabalho. Por fim, mas não menos importante, também sou grato por toda a paciência e compreensão da minha namorada Patricia Vieira, sem as quais não seria possível efetivar a plena realização desse trabalho.

DEDICATÓRIA

Muitas razões para pesquisar a TVE-RS serão apresentadas adiante, mas para mim, existe um motivo em especial. Meu pai trabalhou lá durante vinte anos. Sem sombra de dúvida foi na sede da emissora onde tive o primeiro contato com algo levemente próximo à atividade profissional a qual escolhi exercer, muitos anos mais tarde. Logo percebi que um dos meus grandes sonhos era trabalhar lá também. Seguir os passos do meu pai.

Realizei-me ao passar no concurso de 2014, destaco sempre a UFRGS TV, emissora universitária vinculada ao Canal UniTV, da NET de Porto Alegre, e atualmente integrante da rede de parceiros da TVE-RS. Lá, além de fazer muitos amigos, adquiri o conhecimento da técnica televisiva e aprendi o quanto o profissional do meio deve se doar para construir o produto disponibilizado para audiência. Muito graças ao Diretor, Fernando, eu obtive o conhecimento para passar no concurso.

Para mim, além do Trabalho de Conclusão de Curso, existe uma intensão diferente. A intenção de fazer uma homenagem. Uma homenagem ao veículo que me deu o sonho de ser profissional de televisão, ainda quando criança. E uma homenagem a outro veículo, que me ensinou a ser profissional.

Assim, esse trabalho é dedicado ao meu pai, Luis Lima da Rosa, por ter me dado esse sonho, e ao meu professor, Fernando Favaretto, por me ajudar a realiza-lo.

RESUMO

A Televisão Educativa do Rio Grande do Sul é uma emissora pública de televisão sediada em Porto Alegre e com transmissão em sinal aberto para todo o Estado, vinculada a Fundação Piratini, juntamente com a rádio FM Cultura. O canal trabalha em seu setor de jornalismo com um sistema de troca de conteúdos com veículos de naturezas diversas, espalhados pelo interior gaúcho, no qual o autor atua como um dos operadores. Assim, o presente trabalho se propõe a discutir a criação, as possibilidades e os desafios da rede de parceiros da TVE-RS bem como a utilização da mesma no produto final do jornal noturno da emissora, o Segunda Edição. Para a efetivação dessa proposta, foi realizado acompanhamento da rotina de trabalho do referido programa durante a última semana de julho e a primeira semana de agosto, na forma de uma observação participante, bem como análise das edições exibidas nesse período.

Palavras-chave: Televisão. Comunicação pública. Telejornalismo. Produção regional.

ABSTRACT

Televisão Educativa do Rio Grande do Sul is a public television broadcaster based in Porto Alegre, Brazil. They broadcast their content in open signal throughout the state and are associated with Fundação Piratini, along with the radio broadcaster FM Cultura. The channel operates in its journalistic sector through a content exchange system with media outlets of different kinds spread throughout the countryside, in which the author works as a tech operator. Thus, the present work proposes to discuss the creation process, possibilities and challenges faced by the network of partners of TVE-RS, as well as how the public television broadcaster is used to shape the evening news programme Segunda Edição. This has been done by examining the work routines of the aforementioned programme during the last week of July and the first week of August as a participant observer, as well as the analysis of its editions during the same period.

Keywords: Television. Public communication. Telejournalism. Regional production.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Justificativa	11
2 TELEVISÃO NO BRASIL	12
2.1 Sobre a televisão no Brasil	12
2.2 O início da TV no Brasil	13
2.3 A TV no Rio Grande do Sul	14
2.4 Expansão e legislação da televisão no Brasil	15
2.5 A Rede Globo	16
2.6 Mudaças na forma de assistir TV	17
3 TELEVISÃO PÚBLICA	18
3.1 Dilemas no conceito de TV Pública no Brasil	18
3.2 O surgimento das TVs educativas	19
3.3 A TV Cultura	21
3.4 O Fórum Nacional de TVs Públicas e a TV Brasil	22
3.5 Parâmetros para o telejornalismo público.....	24
4 A TELEVISÃO EDUCATIVA DO RIO GRANDE DO SUL	25
5 A TRANSIÇÃO DIGITAL DA TVE-RS	27
5.1 A tecnologia da televisão	27
5.2 O sistema híbrido da TVE-RS.....	28
6 A REDE DE PARCEIROS DA TVE-RS	34
6.1 O conceito de Rede na TV pública	34
6.2 A criação da rede de parceiros da TVE-RS	35
6.3 Características gerais da rede	35
6.4 A rede e a transição tecnológica.....	36
6.5 A operação da rede de parceiros.....	37
6.6 Lista de veículos parceiros	38
7 ANÁLISE DE DADOS	42
7.1 Metodologia da pesquisa	42
7.2 Práticas do telejornal Segunda Edição	43
7.3 Exibição de materiais da rede.....	45
7.4 Análise dos materiais exibidos.....	47
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53

REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE - Lista completa de materiais da rede exibidos no Segunda Edição durante a observação	65
ANEXO - Entrevista com Militão de Maya Ricardo, um dos idealizadores da rede	68

1 INTRODUÇÃO

É inegável a presença da televisão na vida dos brasileiros. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o aparelho estava presente em 97,1%¹ das residências do país em 2014. Porém, essa presença só foi alcançada após um longo período de história e evolução do meio.

O pioneirismo em trazer o meio para o Brasil foi a partir das iniciativas dos grandes grupos empresariais de comunicação, como o Diários Associados, conglomerado de mídia do qual faziam parte vários jornais e emissoras de Rádio. A TV Tupi, primeiro canal de TV nacional pertencia a esse conglomerado. Assim, diferente do que ocorreu na Europa, onde o meio foi estabelecido pelo poder público, a televisão brasileira já nasceu com a característica majoritariamente privada a qual carrega até hoje. Entretanto, não demorou muito para se criarem leis para o sinal aberto de televisão e sua operação, tendência que se fortificou durante os anos do Regime Militar.

Desse processo nasceu a televisão pública no Brasil, limitada inicialmente às televisões educativas, cujos objetivos e também limitações, se baseavam em fornecer educação através dos programas, ampliando o sistema formal de Ensino. Embora as limitações legais da programação sejam muito menores hoje do que no Regime Militar e a produção de conteúdo seja altamente diversificada, a Televisão Educativa do Rio Grande do Sul (TVE-RS) faz parte desse contexto. Atualmente é vinculada a Fundação Piratini, entidade pública do Estado do Rio Grande do Sul e que possui como missão, de acordo com seu site, "promover comunicação democrática e que propicie o acesso à informação, educação e cultura, estimulando a reflexão crítica da realidade"².

Transmitindo desde 1974, a TVE-RS possui sinal para atender 6,5 milhões de espectadores. Dentre os inúmeros programas da casa, dois

¹ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>>. Acesso em maio de 2016.

² Disponível em: <<http://www.fundacaopiratini.rs.gov.br/?model=conteudo&menu=81>>. Acesso em maio de 2016.

telejornais são produzidos: o Canal Aberto, no ar de segunda a sexta-feira, das 13h30 às 14h, e o Segunda Edição, exibido de segunda a sexta-feira, das 19h15 às 19h45. Porém, a emissora lida atualmente com um expressivo corte de gastos, reflexo de um período de grave crise econômica do Rio Grande do Sul, o qual gerou impactos, sobretudo em sua transição digital dos meios de produção, justamente em um momento no qual ela é mais necessária: o momento das mudanças trazidas pela Internet.

Impactando tanto a produção como consumo de conteúdo para televisão, a lógica do Youtube e das redes sociais acompanhou o desenvolvimento de câmeras de vídeos mais baratas, processos de edição mais acessíveis através dos computadores e uma possibilidade interessante de disponibilização de produtos de mídia através da internet. Para encarar essas mudanças com o mínimo de recursos disponíveis, a TVE-RS utilizou dos efeitos positivos delas na busca da cooperação com veículos menores.

Embora algumas emissoras já operassem há algum tempo, principalmente na TV por assinatura, a democratização dos processos de produção audiovisual potencializou o surgimento de novos produtores de conteúdos no interior gaúcho. Assim, pequenas emissoras comunitárias, televisões universitárias com produção diária de telejornalismo, WebTVs voltadas para divulgação de conteúdo no Youtube e, mais recentemente, jornais online com publicação de notícias em vídeo têm recebido espaço nos telejornais da TVE-RS, através de uma rede de parcerias iniciada em 2015 para troca de conteúdos.

A operação e exibição dos materiais não são perfeitas, mas criam uma identidade estadual melhor definida para os telejornais enquanto leva os veículos menores para a transmissão em sinal aberto para todo o Rio Grande do Sul. Como isso ocorre e as implicações para construção da comunicação pública na TVE-RS são os questionamentos deste trabalho. Assim, foi estabelecido observar tais materiais no produto final do telejornal Segunda Edição, bem como avaliar e discutir quais os desafios e possibilidades dessa parceria.

A pesquisa objetiva investigar a relação da TVE-RS com outras emissoras do Estado, o papel da mesma na construção de comunicação

pública, considerando o atual momento de mudanças no consumo e produção do telejornalismo, através da internet e da digitalização completa do processo de produção audiovisual.

Nesse sentido, buscou-se compreender as características e a história da televisão brasileira, o momento pelo qual o telejornalismo passa atualmente e as mudanças trazidas pelas novas tecnologias. As peculiaridades da televisão pública com relação às demais emissoras, bem como seu papel na sociedade através de conteúdos relacionados à cidadania, educação, informação, serviço e reflexão também foram abordadas.

Além disso, objetivou-se registrar e discutir a criação, o desenvolvimento, os desafios e possibilidades da parceria da TVE-RS com as emissoras comunitárias, WebTVs e televisões universitárias do interior do Rio Grande do Sul, bem como analisar a construção do telejornal Segunda Edição, através de observação na redação do mesmo, durante duas semanas do segundo semestre de 2016 e a utilização dos materiais dessa parceria na construção do telejornalismo público.

1.1 Justificativa

Ao longo dos 42 anos de existência, não faltam histórias para serem exploradas na TVE-RS. O programa Pandorga foi a primeira atração infantil de televisão produzida inteiramente no Rio Grande do Sul, sendo transmitido em rede nacional pela TV Brasil. Outras atrações como o TVE Repórter receberam inúmeros prêmios ao longo dos anos. Registros de momentos históricos desde os anos 1920 estão preservados em seu Arquivo.

Passei no concurso de 2014 e logo comecei a trabalhar lá. Em 2015, comecei a operar a rede de parceiros da TVE-RS, a qual fora recém-criada na época. Com um grupo de 40 veículos atualmente, o projeto traz o conteúdo produzido por esses profissionais para um canal de TV aberta de alcance estadual, no qual todo dia trabalhamos diariamente para construir comunicação pública e de qualidade.

Assim, o presente trabalho se justifica no registro dessa parceria, na descrição de um modelo que pode ser útil a outros veículos públicos de comunicação e mesmo às emissoras pequenas, as quais podem conhecer melhor esse sistema e quem sabe, se tornarem ou serem mais ativos na programação da TVE-RS. Mais do que isso, ele se insere no contexto de trabalhos sobre as televisões públicas, além de analisar e abordar a produção regional de conteúdo audiovisual, a qual apresenta boa qualidade e permite o contato com o cidadão do interior. Assim, o trabalho traz para a academia a experiência desenvolvida pela emissora de TV da Fundação Piratini.

2 TELEVISÃO NO BRASIL

2.1 Sobre a televisão no Brasil

Em vários aspectos, nunca um meio de comunicação foi tão popular como a televisão. Companhia diária para milhares de brasileiros, atualmente ela está presente nas casas, nos escritórios, nos bares, nas salas de espera e em todo e qualquer espaço onde está presente seu público. E mesmo com o aumento dos domicílios com acesso a internet no Brasil, o qual ocorre desde 2004, segundo o IBGE (2016, p. 40), o número total de residências conectadas à web chegou a 36,8 milhões em 2014, valor ainda distante dos 65,1 milhões de casas nas quais a TV estava presente.

Segundo Wolton (1996), a popularidade e a importância da televisão são menos evidentes na relação dos seus programadores com a audiência e mais na relação comunicacional existente entre os espectadores.

O mais importante não é o que se vê, mas o fato de se falar sobre isso. A televisão é um objeto de conversação. Falamos entre nós e depois fora de casa. Nisso é que ela é um laço social indispensável numa sociedade onde os indivíduos ficam frequentemente isolados e, às vezes, solitários. (WOLTON, 1996, p. 16).

Wolton vê no Brasil um exemplo real da sua tese relativa ao papel da TV aberta voltada ao grande público, a qual chama de televisão geralista. Segundo o autor (1996, p. 153), a função de laço social do sistema audiovisual brasileiro é percebida na presença da mesma em todas as classes sociais, a valorização da identidade nacional e um forte integrador da sociedade, uma vez que a sua programação está presente no contato diário entre os cidadãos. Sendo o sistema uma iniciativa privada, inúmeros estudiosos reconhecem a forte importância de Assis Chateaubriand nesse processo.

2.2 O início da TV no Brasil

Assis Chateaubriand foi diretor do Diário Associados, grupo de comunicação que detinha a propriedade de inúmeros jornais e emissoras de rádios e do qual a TV Tupi, a primeira televisão brasileira também fez parte. Na biografia do jornalista, Fernando Moraes (1994) o descreve como um dos homens mais poderosos do século XX. Além dos detalhes das negociações com a compra de equipamento da RCA Victor, fabricante estadunidense de equipamentos televisivos, Moraes também detalha os inúmeros desafios da implantação da televisão no Brasil.

As poucas experiências em outros países levavam à inexistência de um modelo de TV a ser seguido, sobrando o trabalho para profissionais do rádio, do teatro e, em menor escala, do cinema. Poucos dias antes da estreia, Chateaubriand mandou importar dos Estados Unidos, via contrabando, duzentos aparelhos receptores, uma vez que nenhum deles havia sido vendido à população. A maioria dos equipamentos foi presenteada para autoridades, incluindo o Presidente da República. Na inauguração da TV Tupi, ocorrida em 18 de setembro de 1950, uma das três câmeras preparadas para transmissão do programa pifou e tudo que fora ensaiado precisou ser mudado para um programa improvisado. Ainda assim, das sete às nove da noite a televisão foi ao ar no Brasil, conforme detalha Moraes:

Ao final de duas horas de programação, só um especialista familiarizado com o funcionamento de um canal de tv (e não havia ninguém assim no Brasil) poderia perceber que apenas

duas, e não três câmeras, haviam focalizado Walter Forster, a rumbeira cubana Rayito de Soles e seu acompanhante bongozeiro, a orquestra de Georges Henri e tantas outras atrações. A noitada foi encerrada com os acordes da "Canção da tv". Escalada para cantá-la, Hebe Camargo ficou inesperadamente rouca e foi substituída nesse número por Lolita Rodrigues e Vilma Bentivegna, que entoaram os versos do hino composto pelo poeta Guilherme de Almeida especialmente para festejar a novidade. (MORAES, 1994, p. 354).

Cabe ressaltar o caráter totalmente elitista dos espectadores brasileiros nesse primeiro momento, uma vez que o alto custo dos aparelhos limitavam o acesso a programação televisão a uma pequena elite cultural. Assim, levou mais algum tempo a construção da televisão como instrumento de interação social, conforme descrito por Wolton. Entretanto, conforme descrito por Melo (2015) também é creditado a TV Tupi a criação do primeiro telejornal do Brasil, chamado Imagens do Dia, e cuja primeira edição foi ao ar no dia 19 de setembro de 1950.

A primeira exibição de um telejornal no Brasil aconteceu no dia seguinte à estreia da televisão no país, quando o telejornal noticiou o desfile cívico-militar pelas ruas de São Paulo. O programa tinha notícias locais lidas pelo locutor Ruy Resende, que era também produtor e redator do jornal. As imagens eram produzidas em filme preto e branco pelos cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zibas. (MELO, 2015, p. 57-58).

Evidentemente, sem o videoteipe e todos os programas sendo feitos ao vivo, o jornal tinha texto e locução muito mais parecido com o rádio e imagens com estética muito mais próxima à do cinema do que o formato atual de telejornalismo.

2.3 A TV no Rio Grande do Sul

De acordo com a primeira *Revista TV Sul Programas*³, a Televisão Piratini foi inaugurada em 20 de dezembro de 1959. Segundo Finger (2015, p. 94-95), o canal funcionava em um prédio no Morro Santa Teresa, em Porto Alegre e esteve no ar até 1980, um dos anos do enfraquecimento dos Diários Associados. No local funciona hoje a Televisão Educativa do Rio Grande do Sul (TVE-RS). Um busto em homenagem a Assis Chateaubriand está exposto no pátio do terreno. A concessão, que operava no canal 5, passou para o empresário Silvio Santos, com quem permanece até hoje transmitindo a TVSBT.

Em 1962, por iniciativa do empresário Maurício Sirotsky Sobrinho, foi fundada a TV Gaúcha, emissora de televisão que viria a se tornar a RBS TV. É considerada a primeira TV a representar o povo gaúcho verdadeiramente. Atualmente vinculada a Rede Globo, a RBS TV conta com considerável programação local e várias filiadas no interior do Estado. Apesar das emissoras que se instalaram ao longo do tempo do Rio Grande do Sul, a emissora é talvez a de maior sucesso no Estado hoje (FINGER, 2015, p. 94-95).

2.4 Expansão e legislação da televisão no Brasil

Na linha do tempo da TV Brasileira proposta por Wolton (1996), após a primeira fase em que o aparelho era restrito a uma elite, uma segunda fase ocorre entre os anos 1964 e 1975, em que houve um processo de expansão, no qual classes sociais de menor poder aquisitivo passam a ter acesso ao meio, tornando-o mais democrático. Ainda segundo o autor, o caráter da televisão no Brasil como laço social passa pelo fato de que, "a par da sua importância social, cultural e política, essa grande televisão obedece, afinal, às limitações dos serviços públicos." (WOLTON, 1996, p. 153).

³ Disponível em:

<<http://eusoufamecos.uni5.net/nupecc/conteudo/acervodigital/revista-tv-sul-programas/>>. Acesso em setembro 2016.

Tais limitações estão previstas no Código Brasileiro de Telecomunicações, instituído em 1962 através da Lei 4.117⁴, sendo regulamentado e modificado por leis subsequentes. A característica da televisão como veículo de serviço público, mesmo sendo administrado por empresas privadas, fica clara em diversos pontos do código:

Art. 32. Os serviços de radiodifusão, nos quais se compreendem os de televisão, serão executados diretamente pela União ou através de concessão, autorização ou permissão. [...] Art. 38. Nas concessões, permissões ou autorizações para explorar serviços de radiodifusão, serão observados, além de outros requisitos, os seguintes preceitos e cláusulas: [...] d) os serviços de informação, divertimento, propaganda e publicidade das empresas de radiodifusão estão subordinadas às finalidades educativas e culturais inerentes à radiodifusão, visando aos superiores interesses do País; [...] h) as emissoras de radiodifusão, inclusive televisão, deverão cumprir sua finalidade informativa, destinando um mínimo de 5% (cinco por cento) de seu tempo para transmissão de serviço noticioso. (BRASIL, 1962, p. 10413).

Ao longo do tempo, com a consolidação das redes de televisão e os avanços tecnológicos ocorridos ao longo dos anos 1970 e 1980, há um aumento significativo no alcance do sinal de TV no Brasil, bem como a publicidade direcionada ao meio.

2.5 A Rede Globo

Embora estejam presentes algumas emissoras de caráter público, o sistema audiovisual brasileiro é majoritariamente composto de canais privados, e, segundo Wolton (1996), fica clara a hegemonia da Rede Globo nesse contexto:

Uma grande parte da tradição "pública" da televisão brasileira e do seu papel de serviço público provém, na realidade, da hegemonia dessa televisão "privada"! Criada em 1965, a Globo é

⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4117.htm>. Acesso em Agosto de 2016.

um dos símbolos da identidade brasileira: gosto pela modernização, pelo desafio, influência norte-americana, vontade de se distinguir. Sua força, que na Europa reside na televisão pública, foi de dirigir-se a *todas* as camadas da população. (WOLTON, 1996, p. 159).

Apesar da concorrência de outros canais, nenhum deles mantém o mesmo nível de audiência que a Globo. Entre os programas mais populares da rede, destacam-se as novelas, as quais são exportadas para vários países. Ainda segundo Wolton, esses programas atestam o caráter de laço social, pois são acompanhados por todas as classes sociais e estão presentes nas conversas de quase todo mundo, cumprindo o papel de integração social da televisão.

O telejornal mais popular do Brasil também é da Rede Globo. Segundo Gomes (2005), o Jornal Nacional é considerado referência para o modo de fazer jornalismo na televisão brasileira:

O Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, está no ar, de modo ininterrupto, desde o dia 1º de setembro de 1969 e representa o conjunto mais bem-acabado de marcas que caracterizam um telejornal no Brasil. O JN sofreu várias transformações ao longo dos anos: modernizou-se o cenário, inovaram-se as vinhetas, mudaram os apresentadores, polêmicas e crises de credibilidade aconteceram, mas ele permanece o telejornal de maior audiência do país e é o modelo de referência para o telejornalismo nacional. O modo como o JN apresenta seus mediadores, como organiza e distribui as notícias, os recursos técnicos que põe a serviço do jornalismo, os recursos da linguagem televisiva, os formatos de apresentação da notícia, sua relação com as fontes de informação, o texto verbal propõem à sociedade brasileira, ao mesmo tempo, um pacto sobre o papel do jornalismo e uma perspectiva sobre a identidade nacional. (GOMES, 2005, p. 1).

O acompanhamento das edições do programa é recorrente nas salas de aula de faculdades de jornalismo e indispensável em vários lares do Brasil.

2.6 Mundaças na forma de assistir TV

Atualmente, o hábito de assistir televisão no Brasil passa por inúmeras alterações, sobretudo relacionadas ao uso da tecnologia. Segundo o IBGE (p. 32), 32,1% dos domicílios possuíam televisão por assinatura em 2014, um aumento de 12% em relação ao ano anterior, o que indica queda na popularidade da televisão aberta. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015⁵, 19% dos brasileiros utilizavam o celular enquanto assistiam televisão em 2014. 12% dos brasileiros acessavam a internet enquanto assistiam, o que indica alguma relação entre os hábitos.

3 TELEVISÃO PÚBLICA

3.1 Dilemas no conceito de TV Pública no Brasil

No sistema audiovisual europeu, o desejo de se fazer da televisão um meio de democratização cultural e de livrá-lo do excessivo capitalismo presente do modelo norte-americano, o início da televisão foi operado diretamente pelo Estado, sobretudo em países como França e Itália. Somente por volta dos anos 1970 o modelo de exploração empresarial começa a disputar espaço, a partir do movimento de "libertação" da produção com relação à política (WOLTON, 1996, p. 25-28).

Por outro lado, sempre houve um dilema com relação ao caráter da televisão no Brasil. Ainda que o sistema seja quase totalmente privado, o sinal sempre foi considerado bem público e regulamentado pelo Estado. Porém, essa regulação não é suficiente para eliminar um questionamento básico. Como a produção é financiada majoritariamente pela publicidade, é possível manter a autonomia com relação ao mercado?

Durante a primeira fase da televisão no Brasil, enquanto ainda não havia consolidação de um grande público para o meio no país, as agências de publicidade trabalhavam na divulgação dos produtos diretamente para a

⁵ Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em Setembro de 2016.

pequena elite proprietária de receptores. Assim, as empresas interviam diretamente nos programas que patrocinavam, definindo equipes e conteúdos dos mesmos, ao ponto de terem suas marcas expostas no nome das atrações como o "Repórter Esso", "Telejornal Pirelli", etc. (MATTOS, 2002, p. 70). E mesmo com a gradual mudança da influência para formas mais indiretas de controle, os anunciantes seguem participando de avaliações de programas e, claro, financiando aqueles os quais estão de acordo com seus interesses. (MATTOS, 2002, p. 75-76).

Entretanto, não menos complexa é a questão da TV pública, a começar pelo próprio conceito. Conforme o Artigo 223 da Constituição da República Federativa do Brasil⁶, de 1988: "Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal." Porém, as definições nunca foram regulamentadas pelo Congresso Nacional.

3.2 O surgimento das TVs educativas

Atualmente, um sistema de emissoras ligadas aos estados, prefeituras, universidades, fundações e Poder Legislativo está presente no Brasil. Elas trabalham com conteúdos e abordagens distintas, mas têm em comum o objetivo de fazer comunicação audiovisual em contraponto ao modelo privado, sem a disputa constante pela audiência e pelas verbas publicitárias.

A televisão pública surge como uma alternativa ao modelo hegemônico das televisões privadas, reprodutoras das ideias dominantes do capitalismo. Da mesma forma que, considerando suas características – principalmente a da participação direta da população na produção da programação, fiscalização e controle dos conteúdos nela veiculados –, a televisão pública é também uma forma de fortalecimento democrático. (FERREIRA; MORAES; VARÃO, 2016, p. 88).

⁶ Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em Agosto de 2016.

Ainda que não seja plena a participação popular na construção da programação do sistema de TV pública, ele se faz necessário no contexto de democratização de acesso ao controle dos meios de comunicação social.

Em suma, qualquer que seja o conteúdo editorial ou o número de suportes da informação (as chamadas plataformas tecnológicas, a exemplo da TV a cabo, via satélite, etc.), a concentração do controle do acesso aos meios de comunicação social nas mãos de um número limitado de pessoas constitui indubitavelmente um risco para a diversidade das informações, afetando o pluralismo democrático. Caberá ainda ao Estado uma função social, no âmbito dos meios de comunicação, no sentido de manter as estações de radiodifusão públicas, sobretudo, numa perspectiva cultural, de divulgação e educativa para públicos cada vez mais amplos, na preservação da diversidade cultural do país (AGUIAR, 2012, p. 219-220).

Ainda segundo o autor, as primeiras emissoras ligadas ao Estado no Brasil foram as televisões educativas (as TVEs). Criadas a partir do final dos anos 1960 pelo Regime Militar, tinham como objetivo ampliar o sistema formal de ensino, levando conteúdo educacional em nível de massas. O Decreto-Lei 236⁷, de 1967, complementava o Código Brasileiro de Telecomunicações. As TVEs são regulamentadas pelos artigos 13, 14 e 15, sendo voltadas exclusivamente para material educativo e operadas somente por universidades, fundações e pela União. O decreto também prevê reserva de canais de transmissão nos estados para elas, o que foi sendo efetuado gradativamente nos mesmos. O sistema contava com apoio das televisões privadas e uma série de restrições impostas pelo Governo:

Tal sistema foi desenvolvido contando com a simpatia do setor privado, pois contribuía para desonerá-lo das “finalidades educativas e culturais” que pesavam indiferenciadamente sobre toda a radiodifusão. O setor privado, na formulação deste modelo de radiodifusão educativa, postulou e foi atendido na exigência de que o sistema criado deveria ser financiado exclusivamente por verbas estatais, com suas emissoras sendo impedidas de competir na disputa das verbas publicitárias disponíveis no mercado. Além disso, também para evitar a competição, o setor privado obteve a garantia de que as

⁷ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0236.htm>. Acesso em Agosto de 2016.

emissoras educativas fossem sujeitas a severa restrição em relação aos conteúdos veiculados. (AGUIAR, 2012, p. 138).

Logo nos primeiros anos das televisões educativas, ficou claro o papel da TV Cultura⁸, de São Paulo, como referência.

3.3 A TV Cultura

A TV Cultura é mantida pela Fundação Padre Anchieta, de caráter público e semelhante às televisões educativas. Foi ao ar pela primeira vez em 15 de junho de 1969, transmitindo discursos do Governador de São Paulo Roberto de Abreu Sodré e do presidente da Fundação, José Bonifácio Coutinho Nogueira.

Segundo Coutinho (2015), a emissora foi responsável por propor uma quebra no modelo tradicional de telejornalismo nos anos 1970. O telejornal *Hora da Notícia*, exibido entre 1972 e 1975 e editado por Vladimir Herzog – respeitado jornalista que foi assassinado pelo Regime Militar em 1975 –, trazia narrativas mais reflexivas e interpretativas, e inovou ao mostrar a realidade sob o ponto de vista de grupos sociais os quais tinham pouca presença no telejornalismo tradicional daquela época:

No que se refere aos temas de política, economia e cotidiano nacionais as reportagens especiais, em formato documental, tornaram-se representativas da proposta de permitir ao cidadão estabelecer vínculos reais com o programa, que abordava a realidade reservando lugar de protagonismo aos trabalhadores, aos migrantes da grande cidade, àqueles que estavam à margem, também sob o ponto de vista da narrativa midiática. (COUTINHO, 2015, p. 84-85).

Embora tenha mantido relativo contato com espectador devido a sua presença nos canais abertos, o sistema das TVs educativas perdeu força ao longo das décadas seguintes a sua criação. Várias emissoras passaram por sucateamento causado por falta de verbas durante os anos 1980 e mudanças

⁸ Disponível em: <<http://www2.tvcultura.com.br/fpa/>>. Acesso em Agosto de 2016.

nas características de financiamento durante período neoliberalista dos anos 1990, algumas sendo privatizadas e outras mudando formas de custeio, lidando com alguma quantidade de publicidade, em nível muito menor do que as empresas privadas, por exemplo.

3.4 O Fórum Nacional de TVs Públicas e a TV Brasil

As discussões voltaram a tona no Governo Lula, durante o qual foi realizado o I Fórum Nacional de TVs Públicas, que culminou com a criação da TV Brasil, em 2 de dezembro de 2007 e com divulgação da Carta de Brasília⁹, documento final do Fórum (AGUIAR, 2012, p.153).

A TV Brasil foi sendo construída a partir de entidades públicas de comunicação um pouco mais antigas e no mesmo período que o sistema de televisão digital, o que fez com que seu lançamento contasse com pouca visibilidade. É gerida pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), a qual foi criada no mesmo ano para administrar os canais nacionais de comunicação pública. Segundo Aguiar (2012, p. 21), a TV Brasil é "fruto da fusão da TVE do Rio de Janeiro, TVE do Maranhão e da Radiobrás, constituindo-se numa vitória do campo público de comunicação". Segundo o site da emissora:

A TV Brasil veio atender à antiga aspiração da sociedade brasileira por uma televisão pública nacional, independente e democrática. Sua finalidade é complementar e ampliar a oferta de conteúdos, oferecendo uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania.¹⁰

Já a Carta de Brasília foi divulgada em 11 de maio de 2007 e é assinada pelos participantes do Fórum, o qual contou com a participação do então presidente Lula, representantes da Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec), da Associação Brasileira de Canais

⁹Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=18362>>. Acesso em Agosto de 2016.

¹⁰Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/sobreatv>>. Acesso em Agosto de 2016.

Comunitários (ABCCom), da Associação Brasileira de Emissoras Universitárias (ABTU), da Associação Brasileira de Televisões e Rádios Legislativas (Astral) e de outras entidades representativas da sociedade. A carta apresenta os pontos de consenso das discussões do Fórum, entre os quais estão algumas diretrizes para a televisão pública no Brasil:

- A TV Pública promove a formação crítica do indivíduo para o exercício da cidadania e da democracia;
- A TV Pública deve ser a expressão maior das diversidades de gênero, étnico-racial, cultural e social brasileiras, promovendo o diálogo entre as múltiplas identidades do País;
- A TV Pública deve ser instrumento de universalização dos direitos à informação, à comunicação, à educação e à cultura, bem como dos outros direitos humanos e sociais;
- A TV Pública deve estar ao alcance de todos os cidadãos e cidadãs;
- A TV Pública deve ser independente e autônoma em relação a governos e ao mercado, devendo seu financiamento ter origem em fontes múltiplas, com a participação significativa de orçamentos públicos e de fundos não-contingenciáveis;
- As diretrizes de gestão, programação e a fiscalização dessa programação da TV Pública devem ser atribuição de órgão colegiado deliberativo, representativo da sociedade, no qual o Estado ou o Governo não devem ter maioria;
- A TV Pública tem o compromisso de fomentar a produção independente, ampliando significativamente a presença desses conteúdos em sua grade de programação;
- A programação da TV Pública deve contemplar a produção regional;
- A programação da TV Pública não deve estar orientada estritamente por critérios mercadológicos, mas não deve abrir mão de buscar o interesse do maior número possível de telespectadores;
- A TV Pública considera o cinema brasileiro um parceiro estratégico para a realização de sua missão e enxerga-se como aliada na expansão da sua produção e difusão;
- O Campo Público de Televisão recebe positivamente a criação e inserção de uma TV Pública organizada pelo Governo Federal, a partir da fusão de duas instituições integrantes do campo público e promotoras deste Fórum (ACERP e Radiobrás);

A carta e as discussões do Fórum foram fundamentais para o início das operações da TV Brasil.

3.5 Parâmetros para o telejornalismo público

Em livro publicado em 2013, feito a partir de avaliações dos produtos jornalísticos da TV Brasil, Coutinho define parâmetros para o telejornalismo público, as quais passam principalmente por cumprir o direito básico à informação de qualidade e comunicação plena. Nessa perspectiva, os produtos, uma vez livres da lógica comercial, devem ser voltados ao cidadão e colaborar para a formação do espectador, através de maior oferta de conhecimento geral. (COUTINHO, 2013, p. 29).

Tais parâmetros podem ser observados na presença de assuntos diferenciados dos tradicionais e que não possuem espaço na mídia comercial, os quais devem estar presentes nas pautas e no espaço destinado a eles no programa. Além disso, assuntos tradicionais devem trazer mais profundidade e múltiplos pontos de vista, a fim de colaborar para o debate público pertinente a tais temas. Os telejornais também devem privar pelo respeito à intimidade e o cuidado com as diferenças, recusando estereótipos e valorizando a dignidade humana independentemente de gênero, instrução, nível socioeconômico ou orientação sexual. Por fim, os diferentes grupos identitários do Brasil devem se ver no programa, sobretudo aqueles definidos como minorias. Essa representação não deve se limitar a pautas específicas, mas estar presente em toda a cobertura jornalística cotidiana. (COUTINHO, 2013, p. 30-33).

Embora atualmente as TVEs, a TV Cultura, a TV Brasil e diversas outras emissoras públicas sejam coordenadas por conselhos, nos quais estão presentes vários representantes da sociedade, ainda é majoritário o modelo estatal de financiamento da programação. Dessa maneira, muitas vezes há relação próxima dos governos em situação com a produção do veículo, já que a mesma é paga pelo orçamento público. Conforme Coutinho:

Apontada como uma das referências em telejornalismo público, a TV Cultura de São Paulo, por exemplo, é gerida pela Fundação Padre Anchieta e por um Conselho Gestor, mas em função de sua forma de financiamento aproxima-se do modelo de TV estatal. Em várias outras localidades esse caráter de vinculação com o governo estadual é ainda mais direto, o que

pode comprometer a autonomia, financeira e editorial das emissora. (COUTINHO, 2013, p. 22).

Assim, como o Estado é a fonte primária de recursos, constitui-se um desafio cotidiano para as televisões públicas se manterem isentas com relação a ele.

4 A TELEVISÃO EDUCATIVA DO RIO GRANDE DO SUL

No ar desde 1974, a Televisão Educativa do Rio Grande do Sul (TVE-RS) possui uma longa e rica trajetória, passando por períodos cheios de especificidades quanto ao caráter da sua programação, a quantidade de programação local e o orçamento disponível para suas operações. A emissora também instiga certa curiosidade em meio ao cenário da produção audiovisual do Rio Grande do Sul e frequentemente é objeto de estudo de pesquisadores tais como Cristiane Finger (2002) e José Carlos Torves (2007).

No recente projeto de pesquisa *Memória e Patrimônio da Fundação Piratini: o acervo audiovisual da TVE*, uma equipe de pesquisadores de diversas áreas, liderados por Nádia Santos e Ana Luiza Moraes, analisou o arquivo de imagens da emissora, o qual conta com mais de dezesseis mil fitas, em diversos formatos tecnológicos. Embora muito esteja deteriorado pela ação do tempo, tais materiais são rica fonte para a construção de memoriais do Rio Grande do Sul nos últimos 40 anos.

Pensar esse acervo audiovisual potencialmente rico, em termos epistemológicos – que relacionam imagem, memória e televisão pública na dialética entre tecnologia, usos culturais e sociais dos últimos anos do Rio Grande do Sul – tornou-se um fator relevante e imprescindível para a perpetuação da memória da sociedade gaúcha. (SANTOS; MORAES, 2016, p. 39).

O surgimento da emissora está profundamente ligado à tendência nacional de criação de televisões executivas, executada pelo regime militar nos anos 1960. Aqui no Estado, esses movimentos começaram em 1965.

No Rio Grande do Sul, um decreto governamental criou o setor de Cinema e TV Educativa, ligado ao Serviço de Recursos Audiovisuais da Secretaria de Educação e cultura, em 1965. O próximo passo seria transformá-lo em Divisão de Telecomunicação Educativa do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais e de Execução Especializada da mencionada secretaria. (FUNDAÇÃO CULTURAL PIRATINI, 2002, p. 17).

No dia 21 de julho de 1968, o Governo Federal outorgou ao Estado a operação do Canal 7, através do Decreto 62.882¹¹. Algum tempo depois, em 1971, o prédio destinado à emissora, o qual estava em construção, foi reprovado pelo Ministério das Comunicações, sendo ocupado mais tarde pela Fundação Zoobotânica, atual administradora do Jardim Botânico e do Zoológico do Estado. Em 1973, o Governo do Estado firmou parceria com a Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS), iniciando a produção dos programas no campus com a participação dos alunos do Curso de Jornalismo. (FUNDAÇÃO CULTURAL PIRATINI, 2002, p. 18).

O curioso dessa parceria é o fato da TVE-RS ter começado com vínculo com a universidade, uma vez que, atualmente, diversas TVs ligadas a essas instituições compõem a rede, conforme descrito mais adiante. A primeira transmissão em circuito aberto ocorreu em 29 de março de 1974. Em 1979, a emissora foi integrada ao Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa - SINRED. (FUNDAÇÃO CULTURAL PIRATINI, 2002, p. 19).

Em 1980, um incêndio obrigou a TVE-RS a mudar os locais de suas operações, ocupando o prédio da antiga TV Piratini, no qual está instalada até os dias atuais. No mesmo ano, a Lei 7.476¹² autorizou a criação, ocorrida em 1981, da Fundação Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, mantenedora da emissora e que passaria por várias mudanças na denominação legal até o atual “Fundação Piratini”, instituído em 2014 pelo seu estatuto¹³. Em 1983,

¹¹ Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62882-21-junho-1968-404095-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em Setembro de 2016.

¹² Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2007.476.pdf>>. Acesso em Setembro de 2016.

¹³ Disponível em: <<http://www.fundacaopiratini.rs.gov.br/?model=conteudo&menu=166&id=338>>. Acesso em Setembro de 2016.

outro incêndio obrigou os funcionários a buscar apoio com escolas, consulados e empresários para reparar os danos. Ainda nos anos 1980 a emissora iniciaria transmissão para o interior do Estado, criaria novos produtos como o Pandorga, durante muitos anos o único infantil produzido no Rio Grande do Sul. Também nessa época iniciam as transmissões da FM Cultura, em 11 de Fevereiro de 1989. (FUNDAÇÃO CULTURAL PIRATINI, 2002, p. 20-26).

Nos anos 1990, dois acontecimentos merecem destaque. O primeiro deles é a mudança do caráter do Conselho Deliberativo da Fundação em 1995. Antes composto somente por membros do Governo Estadual, o Conselho passou a contar com vários membros de entidades sociais a partir da Lei 10.536¹⁴. O segundo deles é o início das transmissões via satélite, da TVE-RS e da FM Cultura, iniciado em 1998 através de contrato com a Embratel. A mudança tecnológica permitiu um alcance muito maior do sinal das emissoras. (FUNDAÇÃO CULTURAL PIRATINI, 2002, p. 30)

Ao longo dos anos 2000, houve variações entre as gestões do Governo, algumas destinando mais recursos e atenção a Fundação, enquanto outras tratavam a instituição com mais indiferença. Em 2011, foi assinado acordo com a TV Brasil para troca de conteúdos. Em 2014, após vários anos sem contratações, foi realizado concurso público para qualificar e aumentar o quadro de pessoal. Nesse mesmo ano, iniciou-se a digitalização dos processos de produção da TVE-RS.

5 A TRANSIÇÃO DIGITAL DA TVE-RS

5.1 A tecnologia da televisão

Os produtos de natureza audiovisual possuem uma relação inseparável com a tecnologia, sem a qual é impossível realizar quaisquer operações envolvendo os mesmos.

¹⁴ Disponível em:

<http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=15746&hTexto=&Hid_IDNorma=15746>. Acesso em Setembro de 2016.

Os documentos audiovisuais se caracterizam por conter sons e/ou imagens em movimento dispostos em um suporte (fita cassete, fita Beta, CD, DVD etc.). Ao contrário de um documento escrito ou fotográfico, os suportes, para serem gravados, transmitidos e compreendidos, necessitam de um dispositivo tecnológico. (BUARQUE, 2008, p. 1).

Sendo a televisão um meio de comunicação audiovisual, ela está em constante atualização tecnológica, e inúmeras mudanças e transições foram realizadas em sua técnica ao longo dos anos por diversas novidades. Os aparelhos a cores, o videoteipe e, mais recentemente, a internet, são apenas alguns exemplos dessas novidades. A cada mudança, as rotinas de trabalho dos profissionais desses veículos passam por várias alterações.

Naturalmente, na televisão pública isso não é diferente, embora tais mudanças tenham algumas peculiaridades. Uma vez que as emissoras fazem parte da estrutura estatal, tanto a compra de equipamentos para o início de suas operações quanto qualquer atualização posterior e mesmo manutenções especializadas devem passar por processos de licitação, aprovação do Poder Executivo e demais exigências legais.

5.2 O sistema híbrido da TVE-RS

Na TVE-RS, a obsolescência dos equipamentos, suas constantes falhas devido ao tempo de uso e as conseqüentes perdas de materiais tornaram a digitalização dos processos de produção extremamente necessária para as atividades da casa, bem como para facilitar o trabalho com a rede de parceiros. Entretanto, os procedimentos legais ligados à administração dos recursos públicos interferiram nessa migração, o que resultou no uso de um sistema de tecnologia mista, onde o trânsito de material entre o antigo suporte em fitas e o digital tornou-se comum e necessário.

Para fins de conceito, considera-se a definição de Jenkins (2006, p. 334) para a digitalização: "processo pelo qual imagens, sons e informações são transformados em bytes de informação que podem fluir pelas plataformas midiáticas e serem facilmente reconfigurados em diferentes contextos." Ainda

segundo o autor, as tecnologias desenvolvidas nesse processo permitem o acesso à mídia em vários suportes como televisores, computador ou aparelhos celulares. Assim, existem perceptíveis alterações tanto na produção quanto no consumo de mídia.

Empresas de mídia estão aprendendo a acelerar o fluxo de conteúdo de mídia pelos canais de distribuição para aumentar as possibilidades de lucros, ampliar mercados e consolidar seus compromissos com o público. Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores. (JENKINS, 2006, p. 46).

Dessa maneira, com o objetivo de levar programação qualificada a uma audiência maior de consumidores, torna-se necessária a digitalização dos produtos para permitir que sejam assistidos online. Consolidado em 2015 e diariamente alimentado com os programas da casa, o canal da TVE-RS no Youtube possui mais de cinco mil inscritos. Segundo a divisão de Novas Mídias da emissora, durante o mês de agosto de 2016, a página teve mais de 86 mil visitas, o que comprova o interesse do público em assistir os programas pela internet.

Imagem 1: Redação da TVE-RS



Fonte: Do autor (2016)

Esse processo de digitalização na TVE-RS¹⁵ começou em 2014, ainda no Governo Tarso Genro, do PT, quando foram contratados editores de imagens especializados em edição não-linear¹⁶ no concurso público realizado naquele ano. Na época, programas semanais mais trabalhados, como o Nação, já eram editados dessa maneira. Nos telejornais diários, na época Jornal da TVE 1ª Edição e Jornal da TVE 2ª Edição, cada matéria passava por um longo processo, que era totalmente via fitas de vídeo. A captação era feita com câmeras equipadas com videoteipe, a edição em sistemas lineares de corte seco¹⁷, e na exibição o suíte de programação¹⁸ precisa dar o play na versão final da matéria, gravada também em fita.

Imagem 2: Ilha de Edição Linear com videoteipes padrão DVC-Pro. Atualmente é utilizada somente em raríssimas ocasiões na Direção de Jornalismo da emissora, sendo um sistema considerado obsoleto.



Fonte: Do autor (2016)

¹⁵ Relato baseado na observação das rotinas de trabalho da Direção de Jornalismo da TVE-RS.

¹⁶ A edição não-linear é caracterizada pela operação efetuada totalmente por computador, através de softwares desenvolvidos especificamente para esse fim como Adobe Premiere e Edius.

¹⁷ Sistema de edição considerado obsoleto atualmente. Em geral é composto por aparelhos de videoteipe, uma mesa para operação dos cortes e monitores de vídeo. A edição ocorre diretamente nas fitas, sem o uso do computador.

¹⁸ O suíte de programação é o local onde são concentrados os equipamentos responsáveis diretamente pela exibição, tais como a mesa de controle das câmeras do estúdio, gerador de caracteres e, naturalmente, os aparelhos de videoteipe.

No mesmo ano, a direção anunciou a compra de sistemas digitais para o início do processo de digitalização de captação, edição e exibição, bem como um novo software para as demais atividades dos telejornais, como a edição de textos. Entretanto, com a mudança de gestão para o Governo José Ivo Sartori, do PMDB, em 2015, houve um expressivo corte no orçamento da Fundação Piratini, o processo foi freado e passou a acontecer bem lentamente. Os telejornais passaram a se chamar Canal Aberto e Segunda Edição.

Imagem 3: Ilha de Edição não-linear Mac que opera há mais tempo na Direção de Jornalismo da emissora



Fonte: Do autor (2016)

Nessa época, a única ilha de edição não-linear do setor era um computador Mac equipado com software Adobe Premiere¹⁹, de uso quase exclusivo do TVE Repórter, programa de reportagens caracterizado pela profundidade dos temas e diferenciada qualidade técnica. Com a necessidade de digitalizar matérias para os parceiros do interior do Estado e para a TV Brasil, com a qual havia um contrato de produção de conteúdo, essa ilha começou a ficar mais disputada, e logo ela também começou a passar por manutenções e limpezas periódicas para se manter em funcionamento.

Mais ou menos na metade de 2015, as já bem antigas câmeras com videoteipe começaram a apresentar falhas técnicas constantemente, como consequência do intenso uso diários dos dois telejornais da emissora. Dessa maneira, a direção optou por encerrar o uso delas, adotando como padrão de captação as câmeras com cartão de memória. Como o sistema ainda não

¹⁹ Mais informações sobre o software no site do fabricante, em: <http://www.adobe.com/br/products/premiere.html>.

dispunha de mais ilhas não-lineares, o conteúdo de cada cartão de memória precisava ser gravado em fita para poder ser editado no sistema linear. Naturalmente, esse processo era feito pela mesma ilha não-linear descrita anteriormente, na qual seguiam sendo feitas as edições do TVE Repórter e dos materiais vindos das parceiras do interior para os jornais.

Ao longo de tempo, sobretudo no primeiro semestre de 2016, as ilhas lineares apresentavam problemas quase diariamente. Os mais comuns eram repentinas paradas de funcionamento dos aparelhos de videoteipe, em função dos muitos anos de uso. Havia também o agravante de que, a medida que esses equipamentos se tornavam mais e mais ultrapassados, o preço de peças para sua manutenção subia, conforme explicado pela direção de jornalismo na época. Três novas ilhas não-lineares, computadores Windows, até então em fase de testes, começaram a operar definitivamente, e o sistema pode ser considerado "praticamente digitalizado".

Imagem 4: Ilha de Edição não-linear rodando software Edius. Uma das ilhas que compõem o novo sistema de edição digital da TVE-RS



Fonte: Do autor (2016)

Dessa maneira, o sistema atual continua de tecnologia mista. O cartão de memória agora vem da câmera e é copiado para o sistema das ilhas novas, em um processo conhecido como "ingest", e o material fica disponível para

edição, através do software Edius²⁰. Entretanto, cabe ressaltar que o suíte de programação ainda funciona a partir de videoteipes. Como somente uma das ilhas com Edius e a ilha Mac possuem aparelho de videoteipe em pleno funcionamento, criou-se um grande gargalo na edição final de materiais, já que todas precisam ser gravadas em fitas para serem exibidas. Também só existe comunicação entre ilhas com software semelhante. Assim, é impossível usar o videoteipe da ilha Mac para gravar matérias editadas no Edius ou o videoteipe da ilha Edius para matérias editadas na ilha Mac.

Além disso, o uso da maioria das imagens do riquíssimo arquivo da emissora fica limitado a matérias editadas nessas duas ilhas.

No acervo da TVE, estão contemplados diversos tipos de suportes, como fitas em U-matic, em DVC-Pro, DVDs e fitas digitais, onde está registrado vasto conteúdo, que vai desde fragmentos da grade de programação da TV Educativa até imagens brutas e matérias editadas, que cotidianamente ilustram seus programas culturais e jornalísticos. Contudo, apesar do valor desse acervo como fonte histórica, de patrimônio e memória, ele ainda não está disponível em sua totalidade, em função de vários fatores. Entre os mais significativos estão a escassez de recursos materiais, como equipamentos que possibilitem a reprodução de fitas em diferentes formatos, e de pessoal. (RAMOS; GOULART, 2016, p. 99-100).

Como o padrão dos videoteipes do suíte e, por consequência, das ilhas, é o DVC-Pro, material em outros formatos só pode ser usado após ser regravado. Em algumas ocasiões, não há equipamento ou pessoal disponível para essa operação.

²⁰ Mais informações sobre o Edius no site do fabricante (em inglês), em: <https://www.grassvalley.com/products/edius_pro_8>.

6 A REDE DE PARCEIROS DA TVE-RS

6.1 O conceito de Rede na TV pública

Assim como na televisão comercial, a noção de rede está presente nas emissoras públicas de televisão. Porém, a lógica de uma emissora nacional "cabeça de rede" com veículos afiliados menores e com contratos financeiros formais não se aplica ao sistema público de TV. Nele, há uma ideia de parcerias, a qual permite que produtos de canais nacionais como a TV Brasil e da TV Cultura, por exemplo, tenham espaços nas grades de televisões públicas estaduais e alcançando assim quase todo o território brasileiro (COUTINHO, 2015, p. 67). Ambas as televisões possuem material exibido pela TVE-RS atualmente.

Na prática, essa noção de parceria, além de permitir a transmissão nacional de conteúdos das emissoras "maiores", também gera um reforço no que diz respeito à produção local das TVs públicas menores. Em análise realizada na TVE-RS em 2015, ficou claro que, embora tenha havido leve redução no tempo de programação local da emissora entre uma gestão de governo de governo e outra, o tempo destinado a tal programação continua consideravelmente alto.

Com a exploração do material gravado e decupado foi possível identificar que a produção local baixou de 28% para 25% do total veiculado. A redução não é significativa, levando em conta o tamanho do corte no orçamento. De qualquer maneira, esse índice de 25%, é um dos maiores entre todas as emissoras gaúchas (FINGER et al, 2016, p. 136).

Entretanto, a rede de parceiros desenvolvida na TVE-RS em 2015 possui características distintas até mesmo do conceito tradicional utilizado nas televisões públicas.

6.2 A criação da rede de parceiros da TVE-RS

Segundo Militão Ricardo²¹, chefe da Divisão de Novas Mídias da emissora e um dos idealizadores da rede, ela iniciou a partir da necessidade de aumentar a presença de notícias do interior do Rio Grande do Sul nos telejornais da TV, e de fazer isso com um mínimo de custo, em função do expressivo corte no orçamento da Fundação Piratini ocorrido na gestão do Governador José Ivo Sartori.

Em um primeiro momento, a ideia foi apresentada às TVs universitárias, sendo a TV Feevale, de Novo Hamburgo, a primeira integrante da rede por possuir vínculo anterior com a TVE-RS. Logo entraram mais emissoras ligadas às instituições de ensino. Aos poucos, material produzido por tais unidades ganhava espaço nos telejornais e o leque de parceiros se abriu conforme a necessidade de cobertura em diferentes localidades do interior do Estado. Assim, televisões comunitárias, WebTVs e até Jornais que se preparavam para iniciar pequenas produções audiovisuais passaram a compor a rede. Atualmente, segundo a Divisão de Novas Mídias da TVE-RS, o grupo é composto por 40 veículos²² de diferentes naturezas.

6.3 Características gerais da rede

Embora seja proponente da parceria, a TVE-RS não é o centro da mesma, e o intercâmbio de materiais acontece em via dupla. Assim, além de receber as notícias dos parceiros, a emissora também envia suas notícias para os parceiros. Essa característica permitiu que alguns telejornais, sobretudo de emissoras comunitárias, pudessem exibir as notícias da capital. Essa troca é a base da parceria, a qual se desenvolve sem envolver pagamento em dinheiro pelos conteúdos. Essa característica permite à TVE-RS e demais veículos envolvidos aumentar a diversidade de materiais exibidos em seus programas sem a necessidade de altos investimentos.

²¹ Informações de entrevista concedida a este autor.

²² Dado de outubro de 2016.

Outra característica é a horizontalidade da parceria. Reportagens exibidas nos telejornais têm suas produtoras identificadas na cabeça lida pelos apresentadores e a TVE-RS não exige características editoriais específicas das emissoras, respeitando as definições dos mesmos quanto ao tratamento dado aos produtos. As pautas também são definidas pelas parceiras, conforme os temas de relevância para sua região.

Hoje o telejornalismo, ele mostra matérias feitas no interior do Estado que são pautadas e são produzidas pelo parceiro do interior. Não é uma demanda nossa. [...] Pode parecer que não tem muita diferença, pode parecer sutil, mas na verdade o jornalista e as centrais de jornalismo de cada parceiro, eles estão lá na região, eles sabem o que são os assuntos importantes para aquela região (RICARDO, 2016)

Cabe ressaltar que temas não identificados com o formato do Canal Aberto e o Segunda Edição, como coberturas policiais e institucionais, não costumam ir ao ar por respeito à identidade editorial deles.

6.4 A rede e a transição tecnológica

Existe também uma relação da rede com a transição tecnológica da emissora. As novas ilhas de edição não-linear permitiram melhor aproveitamento do material produzido no interior do Estado. Assim, conforme se evoluía na transição digital, aumentava o aproveitamento de materiais da rede. Além disso, a existência da rede criou a necessidade de uma alteração no novo sistema, o qual precisou ser adaptado para receber material vindo da rede utilizada pela Redação, onde ficam salvos os conteúdos mandados pelos parceiros.

[...] nós tivemos que fazer essa adaptação, porque o sistema aqui da TV previa ser um sistema completamente estanque. De chegar a matéria com cartão de memória da câmera, esse cartão ser inserido numa leitora, que manda para a memória central aqui da TV; e se pretendia que esse sistema não teria contato com a internet, para evitar contaminação por vírus e esse tipo de coisa. [...] Quando a gente trabalha em rede a gente não está sozinho. Não pode ficar desconectado. Ao longo desses meses de trabalho se provou que era importante receber e que as ilhas de edição não-linear pudessem receber as matérias que vinham dos parceiros (RICARDO, 2016).

Essa alteração acabou se provando muito útil aos telejornais, pois permitiu facilitar o uso de vídeos produzidos por assessorias de imprensa, como a do Palácio Piratini e mesmo por repórteres da TVE-RS, os quais gravam imagens com celular e mandam via WhatsApp, nos casos em que é impossível chegar a redação com o cartão de memória da câmera a tempo de colocar as imagens no ar.

6.5 A operação da rede de parceiros

Devido à necessidade de operar as trocas de matérias com um mínimo de custos, todas elas são feitas via Internet através de sistemas gratuitos de transferência de arquivos digitais, como o WeTransfer.com, ferramenta considerada padrão para a operação da rede. No início, apenas um produtor era responsável por todas as etapas do processo envolvendo materiais da rede. Com o aumento expressivo de veículos participantes e acúmulo dessas funções com as demais atividades de produção – marcação de entrevistas, levantamento de dados, apuração de informações, etc. – houve a necessidade de estabelecer uma rotina de operação da rede de parceiras com mais operadores. Atualmente, essa rotina²³ está estabelecida da seguinte maneira:

- Diariamente, a coordenação da rede na TVE-RS faz uma série de contatos prévios com algumas das emissoras ao longo da tarde, escolhidas aleatoriamente ou a partir de notícias factuais no interior do Estado, previamente consideradas relevantes para os telejornais em reunião de pauta. Fica combinado o envio das matérias mais interessantes.
- Um e-mail com a previsão de materiais a serem recebidos é escrita e enviado pela coordenação da rede aos demais operadores da mesma.

²³ Relato baseado na rotina de trabalho deste autor.

- Dois produtores – um pela manhã e outro a tarde – são responsáveis por receber os materiais via sistema WeTransfer.com e fazer o download na rede da TVE-RS, popularmente chamada de FTP²⁴.
- Materiais factuais ou de interesse prévio dos editores chefe dos telejornais são passados aos mesmos, os quais encaminham os arquivos para adequação ao tempo e formato a ser exibido no jornal.
- Paralelamente a esse processo, a chefia de pauta da TVE-RS elabora uma lista com as pautas previstas para o dia seguinte e envia por e-mail para os contatos das parceiras.
- Os parceiros enviam e-mail solicitando o envio das matérias que forem de seu interesse.
- As pautas solicitadas que foram confirmadas têm suas matérias digitalizadas e enviadas aos parceiros também via WeTransfer.com, geralmente pelo produtor da tarde, logo após o final do telejornal noturno, o Segunda Edição.
- Também de responsabilidade dos produtores, um relatório diário é elaborado, catalogando todos os materiais recebidos, exibidos, enviados naquele dia e os que chegaram em dias anteriores, mas ainda permanecem inéditos. Esse relatório é enviado por e-mail para todos na redação.

6.6 Lista de veículos parceiros

Atualmente, os veículos da Rede de Parceiros passam por um processo de formalização da parceria através da assinatura de um termo de cooperação, exigência para exibição de material em faixa horária fixa de maior tempo na grade da TVE-RS. Entretanto, veículos parceiros que ainda não possuem tal

²⁴ Sigla de *File Transfer Protocol*, ou Protocolo de Transferência de Arquivos em Português. É o sistema padrão da TVE-RS para envio via internet de materiais para TV Cultura e TV Brasil, através do software FileZilla. A rede possui o nome do sistema por ser criada especificamente para esse fim e depois aproveitada para salvar conteúdos das parceiras do interior do Estado. Mais informações sobre o FTP e o FileZilla no site do software (em inglês) em: <<https://filezilla-project.org/faq.php>>.

formalização seguem tendo conteúdos exibidos nos telejornais. O quadro abaixo apresenta a lista completa das parceiras da TVE-RS em outubro de 2016.

Quadro 1: Lista completa das parceiras da TVE-RS em outubro 2016

TELEVISÕES UNIVERSITÁRIAS		
NOME DO VEÍCULO	MUNICÍPIO DO VEÍCULO	SOBRE O VEÍCULO
TV Feevale	Novo Hamburgo	Ligada a Universidade Feevale. Transmite no canal 15 da NET.
UCS TV	Caxias do Sul	Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul. É transmitida para doze municípios através de canais VHF, UHF e a cabo.
TV UCPEL	Pelotas	Ligada a Universidade Católica de Pelotas. Transmite nos canais 15 da NET e 7 da Blue TV.
TV Unisinos	São Leopoldo	Ligada à Fundação Padre Urbano Thiesen, mantida pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Transmite no canal 52 UHF.
UPF TV	Passo Fundo	Ligada a Universidade de Passo Fundo. Transmite para seis municípios através de canais VHF, UHF e a cabo.
TV Campus UFSM	Santa Maria	Ligada a Universidade Federal de Santa Maria. Transmite no canal 15 da NET.
TV Univates	Lajeado	Ligada ao Centro Universitário Univates. Transmite no canal 15 da NET.
TV Unifra	Santa Maria	Ligada ao Centro Universitário Franciscano. Transmite no canal 15 da NET.
UFRGS TV	Porto Alegre	Ligada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Transmite no canal 15 da NET.
Unicruz TV	Cruz Alta	Ligada a Fundação Universidade de Cruz Alta. Transmite no canal 15 da NET.
TELEVISÕES COMUNITÁRIAS		
NOME DO VEÍCULO	MUNICÍPIO DO VEÍCULO	SOBRE O VEÍCULO
TV Caxias	Caxias do Sul	Transmite no canal 15 da NET.
TV Nativa	Pelotas	Ligada a Rede Top TV. Transmite em sinal aberto em várias municípios do

		sul do Estado.
TV Mar	Rio Grande	Transmite nos canais 22 da NET e 17 da Blue TV.
TV Cachoeira	Cachoeira do Sul	Ligada a Rede Novo Tempo de TV, que pertence a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Transmite localmente no canal 11 VHF.
TV Cultura do Vale	Montenegro	TV Educativa que tem como mantenedora a Fundação Municipal de Artes de Montenegro. Transmite no canal 53 UHF.
Vale TV	Novo Hamburgo	Ligado a Rede Comunidade de TV. Transmite no canal 15 da NET.
TV Canoas	Canoas	Ligado a Rede Comunidade de TV. Transmite no canal 6 da NET e 23 da TVN.
TV São Leopoldo	São Leopoldo	Ligado a Rede Comunidade de TV. Transmite no canal 23 da TVN.
TV Sapucaia	Sapucaia do Sul	Ligado a Rede Comunidade de TV. Transmite no canal 23 da TVN.
TV Cachoeirinha	Cachoeirinha	Ligado a Rede Comunidade de TV. Transmite no canal 23 da TVN.
TV Esteio	Esteio	Ligado a Rede Comunidade de TV. Transmite no canal 23 da TVN.
TV Ijuí	Ijuí	Canal comunitário de TV por assinatura em MMDS.
Associação dos Amigos da Vila Pinho	Porto Alegre	Produtora audiovisual independente de Porto Alegre.
Associação Gaúcha das Produtoras de Audiovisuais	Porto Alegre	Associação das produtoras audiovisuais independentes.
WEB TVs		
NOME DO VEÍCULO	MUNICÍPIO DO VEÍCULO	SOBRE O VEÍCULO
Lagoa dos Patos TV	Tapes	Ligada a rádio Lagoa dos Patos FM, emissora de rádio web local. Produz conteúdo em vídeo para internet.
TV Cidade 10	Sant'Ana do Livramento	Produz conteúdo em vídeo para internet.
JP WebTV	Montenegro	Ligado ao Grupo Progresso de Comunicação e ao Jornal o Progresso. Produz conteúdo em vídeo para internet.
WebTV Sul	Santa Rosa	TV de transmissão online e de produção de conteúdo em vídeo para internet.
TV Tradição	Novo Hamburgo	Ligada à Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha e à Fundação

		Cultural do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Transmite online e produz conteúdo para internet, com temas exclusivamente ligados ao tradicionalismo.
WebTV Antena Livre	Nova Prata	TV de produção de conteúdo em vídeo para internet.
TV Restinga	Porto Alegre	Ligado ao Centro de Difusão Cultural e Social do Extremo Sul de Porto Alegre. Possui produção de conteúdo em vídeo para internet.
JORNAIS		
NOME DO VEÍCULO	MUNICÍPIO DO VEÍCULO	SOBRE O VEÍCULO
Jornal Gazeta do Sul	Santa Cruz do Sul	Jornal impresso tradicional e com edição digital. Pertence ao Gazeta Grupo de Comunicações, o qual tem intenção de iniciar uma emissora local de TV. Conta com pequena produção em vídeo para internet.
Jornal Minuano	Bagé	Jornal impresso tradicional e com edição digital. Conta com pequena produção em vídeo para internet.
Jornal Gazeta de Alegrete	Alegrete	Jornal impresso tradicional e com edição digital. Conta com pequena produção em vídeo para internet.
Folha de São Borja	São Borja	Jornal impresso tradicional e com edição digital. Conta com pequena produção em vídeo para internet.
Jornal Bom Dia	Erechim	Jornal impresso tradicional e com edição digital. Conta com pequena produção em vídeo para internet.
Jornal Folha Popular	Tenente Popular	Jornal impresso tradicional e com edição digital. Conta com pequena produção em vídeo para internet.
Diário da Fronteira	Uruguaiana	Jornal impresso tradicional e com edição digital. Conta com pequena produção em vídeo para internet.
Jornal A Tribuna	Santo Ângelo	Jornal impresso tradicional e com edição digital. Conta com pequena produção em vídeo para internet.
Diário Popular	Pelotas	Jornal impresso tradicional e com edição digital. Conta com razoável produção em vídeo para internet.

Fonte: Do autor (2016)

7 ANÁLISE DE DADOS

7.1 Metodologia da pesquisa

Conforme mencionado anteriormente, o objeto pesquisado passa cotidianamente pela operação deste autor, durante sua rotina de trabalho como produtor executivo na TVE-RS. Assim, a metodologia para coleta de dados escolhida foi a observação participante, a partir da perspectiva de Haguette (1992). Conforme a autora, a definição mais completa a respeito da técnica foi desenvolvida por Morris Schwartz e Charlotte Schwartz durante um trabalho de campo desenvolvido em um hospital de doenças psiquiátricas nos anos 1950. Além das já conhecidas importantes condições da presença constante do observador e da interação com o objeto, tal perspectiva ainda coloca o espectador como ativo no contexto nas ações desenvolvidas no contexto inserido, sendo influenciado e influenciando o mesmo simultaneamente.

A definição de Schwartz e Schwartz, a mais completa, aceita não só a presença constante do observador no contexto observado como a interação face a face como pré-requisito da observação participante, já constantes das definições anteriores. Estes autores incorporam, entretanto, quatro aspectos novos: a) o fato de que a observação participante tem como finalidade a *coleta de dados*; b) esclarecimentos sobre o *papel do observador*, que pode ser revelado ou coberto, formal ou informal, parte integrante ou periférica quanto a estrutura social; c) referências ao *tempo* necessário para que a observação se realize, o que pode acontecer tanto em um espaço de tempo curto como longo; d) chamam a atenção para o papel ativo do observador enquanto *modificador do contexto* e, ao mesmo tempo, como *receptáculo de influências* do mesmo contexto observado. (SCHWARTZ, M.; SCHWARTZ, C., 1955²⁵, p. 343-354 apud HAGUETTE, 1992, p. 73).

Para a análise do material audiovisual gravado durante a observação, foi aplicado o conceito da audiência presumida, proposto e aplicado por Vizeu em análise realizada em 2000 a dois telejornais locais do Espírito Santo, o Tribuna

²⁵ SCHWARTZ, M.; SCHWARTZ, C. **Problems in Participant Observation.** *American Journal of Sociology.* 1955. p. 343-354.

Notícias e o ESTV 2ª Edição. No trabalho, o autor destaca a característica do profissional de telejornalismo em buscar antecipar o perfil e a percepção do espectador com relação a suas mensagens.

(...) os jornalistas constroem antecipadamente a audiência a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens para, no trabalho de enunciação, construir discursos. E o trabalho que os profissionais do jornalismo realizam, ao operar sobre os vários discursos, resulta em construções que, no jargão jornalístico, podem ser chamados de notícias. (VIZEU, 2005, p. 94-95).

Assim, a análise dos materiais se baseou na identificação de fatores que justifiquem a presença desses materiais no telejornal Segunda Edição. Dessa maneira, a partir da antecipação do perfil do receptor da mensagem do referido telejornal, as matérias são explicadas a partir dos operadores de atualidade, operadores de objetividade, operadores de interpelação, operadores de leitura e operadores didáticos, propostos por Vizeu em sua análise.

7.2 Práticas do telejornal Segunda Edição

A observação foi realizada na Redação da Direção de Jornalismo da TVE-RS, entre os dias 25 de Julho de 2016 e 05 de Agosto de 2016. Durante o período, foram acompanhadas as rotinas de edição do telejornal Segunda Edição. Na época, o programa ia ao ar de segunda a sexta-feira das 19h às 19h30, tendo em média 25 minutos totais de produção. Ao todo, dez edições foram gravadas para análise, através de download do canal no Youtube da emissora, contabilizando 4 horas e 12 minutos de conteúdo.

Durante o período, foram identificados três tipos de materiais enviados pelos veículos da rede de parceiras:

- **VTs:** Abreviatura de "videoteipe", é como são chamadas as matérias editadas compostas por offs, imagens, entrevistas gravadas e, em geral, passagens dos repórteres. Sempre acompanhadas de arquivos de

textos com os créditos das matérias, pois a geração de caracteres é feita ao vivo pelo suíte, durante a exibição do jornal.

- **Brutas:** São enviados arquivos de imagens sem qualquer edição, normalmente acompanhadas por arquivos de texto com informações. Na maioria das ocasiões, são referentes a acontecimentos factuais como grandes acidentes de trânsito, incêndios e protestos.
- **Notas Cobertas:** Imagens editadas com acompanhamento de narração em off. É o mais raro dos tipos de materiais enviados. Também abordam acontecimentos factuais.

Antes de ir ao ar, os materiais passam por adequações aos formatos de notícia que compõem o Segunda Edição, podendo ser exibidos em quatro deles. São eles²⁶:

- **VTs:** Matérias editadas compostas por offs, imagens, entrevistas gravadas e, em geral, passagens dos repórteres. No caso de materiais dos parceiros, geralmente são realizadas pequenas reduções no tempo das matérias para melhor adequação à duração do programa.
- **Lapada:** Conjunto de materiais de um mesmo assunto exibidos diretamente um após ao outro, sem a leitura de cabeça pelo apresentador entre eles. Em geral utilizado para acontecimentos factuais ocorridos em mais de um lugar no Estado como enchentes e protestos.
- **Nota Jantão:** É o nome dado ao formato padrão de nota coberta utilizado no Segunda Edição, não possuindo cabeça lida pelo apresentador e composto por off, imagens e trilha. No caso de materiais dos parceiros, geralmente é editado a partir de imagens brutas, Notas Cobertas ou VTs com informações mais locais, de serviço ou de menor impacto.
- **Encerramento:** Clipe de imagens de duração média de um minuto, com ou sem áudio, que roda ao final da maioria das edições, junto com o roll. Imagens de eventos ou exposições enviadas por parceiros do interior

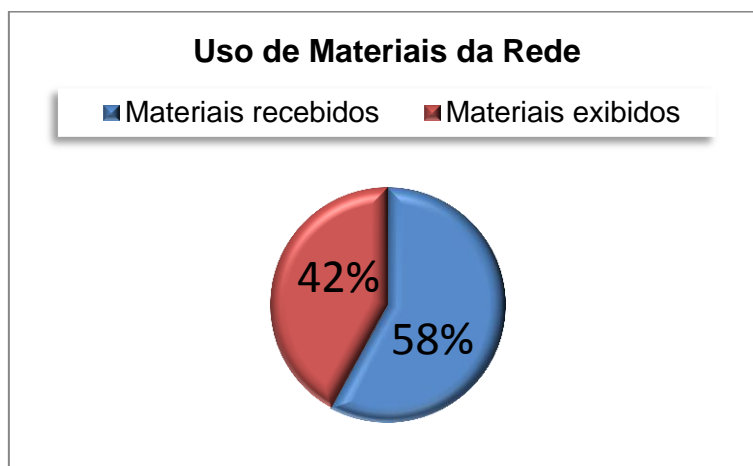
²⁶ O Segunda Edição também conta com previsão do tempo, apresentada em pequenos VTs espalhados pela edição, divididos por região do Estado. Também exibem Notas Cobertas com Offs lidos ao vivo quando não tempo para edição de Nota Jantão. Os formatos não estão listados aqui, pois não utilizaram materiais da rede de parceiras durante a observação.

são utilizadas às vezes, introduzidas por uma curta cabeça lida pelo apresentador durante sua despedida.

7.3 Exibição de materiais da rede

Durante o período de observação, 69 materiais da rede foram recebidos e 29 foram ao ar no Segunda Edição, aproximadamente 42%, considerando todos os formatos. A duração média dos mesmos com relação ao total do jornal foi de 15,8%²⁷. Esses números não contabilizam materiais em vídeo produzidos por assessorias de imprensa nem imagens cedidas por outras emissoras comerciais tradicionais, exibidos no jornal em poucas ocasiões, em forma de Nota Jantão. Também cabe ressaltar que alguns materiais exibidos foram recebidos antes do período de observação, pois vários deles permanecem salvos na rede como gaveta, para irem ao ar algum tempo após serem recebidos.

Gráfico 1: Uso de materiais da Rede

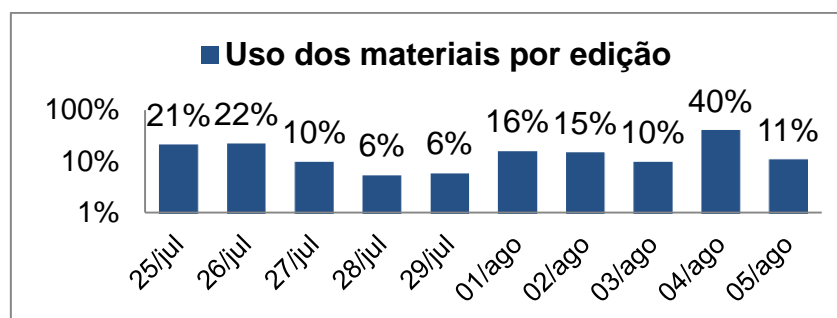


Fonte: Do autor (2016)

²⁷ A duração média dos materiais do interior em cada edição foi calculada considerando o total de notícias da mesma, em todos os formatos, como 100% e calculando a porcentagem a partir do número de notícias editadas a partir de materiais da rede. O valor médio apresentado aqui é resultado da soma das médias de cada edição, divididos pelo número total de edições analisadas.

A edição com mais exibições de materiais das parceiras foi a do dia 4 de agosto, no qual houve paralisação dos servidores estaduais em várias cidades do Rio Grande do Sul, abordada em uma Lapada composta por material da Lagoa dos Patos TV (Tapes), TV UCPEL (Pelotas), TV Cachoeira (Cachoeira do Sul) e Vale TV (Novo Hamburgo). Essa edição também exibiu uma Nota Jantão sobre a situação do Hospital Montenegro, composta por material da TV Cultura do Vale (Montenegro), uma Nota Jantão sobre a fuga em massa de detentos de um presídio de Pelotas, composta por material do Jornal Diário Popular (Pelotas), um VT sobre a UTI Neonatal do Hospital da Cidade de Passo Fundo, da UPF TV (Passo Fundo) e um VT sobre um projeto fotográfico cujos modelos são crianças negras de Santa Cruz do Sul, do Jornal Gazeta do Sul (Santa Cruz do Sul). O total de materiais da rede chegou a 40% dessa edição.

Gráfico 2: Uso dos materiais da Rede por edição



Fonte: Do autor (2016)

Já a menor presença de materiais da rede de parceiras ocorreu igualmente em duas edições. No dia 28 de Julho foi usado somente um VT sobre a Sociedade Lajeadense de Auxílio aos Necessitados, produzido pela TV Univates (Lajeado). Em 29 de Julho foi usado somente um VT sobre o uso de madeira de demolição para fabricação de móveis, produzido pela UPF TV (Passo Fundo). Nas duas edições, os materiais da rede corresponderam a aproximadamente 5,5% do total veiculado no jornal.

Durante o período de observação, o veículo da rede que contou com mais exibições no Segunda Edição foi a TV Univates, de Lajeado, com seis

matérias exibidas, distribuídas em cinco edições. Em segundo lugar ficou a UPF TV, de Passo Fundo, a qual teve cinco matérias exibidas, distribuídas em cinco edições.

7.4 Análise dos materiais exibidos

Para a análise dos materiais a partir do conceito da audiência presumida, foi selecionado um VT de cada um dos temas mais recorrentes entre os materiais da rede recebidos e exibidos. São eles Saúde, Economia, Infraestrutura e Educação, totalizando uma amostra de quatro matérias produzidas pelos veículos parceiros. Para entender os fatores que justificaram a escolha deles para irem ao ar, foi considerado tanto a construção individual dos mesmos quanto sua relação aos outros materiais do telejornal, construída durante a edição do mesmo. Cabeças lidas pelo apresentador não estão nas descrições, pois são escritas pelos editores da TVE-RS.

- **Saúde: VT Caxumba em Rio Grande – TV Mar (Rio Grande)**

Imagem 5: Passagem do repórter Lucas Martins



Fonte: Segunda Edição, 25 de Julho de 2016

O VT faz parte de uma lapada sobre a caxumba, sendo exibido logo após uma matéria sobre a caxumba em Porto Alegre, produzida pela TVE-RS,

sem cabeça entre eles. Inicia com a passagem do repórter Lucas Martins, na qual são abordados o número total de casos da doença em Rio Grande – 1400 – e também de surtos – 41. Segue trecho de uma entrevista com Valéria Risso, da Vigilância Epidemiológica de Rio Grande, na qual é explicado que o crescimento da doença começou em fevereiro desse ano. O VT termina com um off trazendo informações de serviço sobre quem deve tomar a vacina contra a caxumba e o número de doses, coberto por imagens gerais de movimentação nas ruas.

Em sua construção, o VT traz operadores de atualidade, expressos na passagem, onde há a frase "Aqui em Rio Grande, o número de casos já vai chegando à marca de 1400," e também no trecho da entrevista, onde há a frase "A partir de fevereiro efetivamente os casos vem aumentando." Além da própria entrevista, há um operador de objetividade no texto da passagem, "[...] segundo a Vigilância Epidemiológica [...]." As informações de serviço no off final apresentam operadores didáticos, pois trazem detalhes da vacinação como a impossibilidade da imunização em mulheres grávidas.

O uso do VT na lapada evidencia seu uso como operador de objetividade com relação à outra matéria, sobre a caxumba em Porto Alegre, que termina em um off cuja frase final é "Isso aconteceu em várias cidades do Estado." Assim, essa matéria atende a audiência localizada fora de Porto Alegre, presumida pelos editores do Segunda Edição.

- **Economia: VT Exportações de Calçados – Vale TV (Novo Hamburgo)**

Imagem 6: Entrevista com Patrícia Abel, gerente comercial de uma indústria calçadista



Fonte: Segunda Edição, 26 de Julho de 2016

O VT é sobre o aumento das exportações de calçados do Estado. Inicia com um off descrevendo a situação de uma indústria calçadista de Novo Hamburgo, a qual apresentou aumento de R\$ 5 milhões no faturamento na comparação entre o primeiro semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016. Segue para um trecho de entrevista com a gerente comercial Patrícia Abel, a qual explica que o aumento foi de 20%. Segue off e mais um trecho de entrevista da mesma fonte, ambos detalhando países para os quais o produto é exportado. VT termina com off e trecho de uma entrevista com Heitor Klein, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados, ambos explicando que o resultado se deu a um momento pontual envolvendo a recepção do mercado internacional ao produto e a alta do dólar em relação ao real.

O VT traz operadores de atualidade, pois usa expressões como "[...] no comparativo ao primeiro semestre de 2015." Também usa de operadores de objetividade como a fala da gerente comercial da empresa, a qual simboliza a indústria de calçados de Novo Hamburgo. O trecho de entrevista final usa de

operadores didáticos para explicar o resultado positivo da indústria como "[...] em função de uma recuperação da taxa de câmbio, que possibilitou melhores preços[...]."

Embora não componha lapada, como no caso anterior, o VT também tem relação próxima com o exibido anteriormente, sobre a coletiva de divulgação do PIB Gaúcho no primeiro semestre de 2016, no qual se destacou a indústria calçadista. Novamente utilizado como operador de objetividade, a matéria atende a uma necessidade de aumentar a credibilidade do jornal com relação a audiência, a partir de um exemplo prático dos dados abordados na matéria anterior.

- **Infraestrutura: VT Praça para PCDs – UPF TV (Passo Fundo)**

Imagem 7: Imagem da menina Daniele brincando no balanço da praça



Fonte: Segunda Edição, 2 de Agosto de 2016

O VT é sobre uma praça recentemente adaptada para pessoas com deficiência e se desenvolve a partir da personagem Daniele. Há um off bastante reflexivo abrindo a matéria, seguido de trecho de entrevista da mãe de Daniele, que destaca o balanço como o brinquedo favorito da menina. O segundo off detalha a causa da deficiência de Daniele e a necessidade dela de afeto. Um segundo trecho de fala da sua mãe revela que a menina fica mais feliz quando brinca da praça. O próximo off descreve a estrutura da praça para

locomoção de cadeiras de rodas, seguido de um trecho de entrevista com Ana Paula Wickert, secretária do Planejamento de Passo Fundo, explicando o objetivo de dar às crianças com deficiência a oportunidade de brincar como qualquer criança normal. Há um curto off seguido da mesma fonte, ambos explicando cuidados com a estrutura, que pode até machucar crianças normais se não for usada adequadamente. A matéria fecha com um off trazendo uma mensagem de incentivo ao cuidado com a estrutura pública.

Ao contrário dos dois materiais anteriores, há destaque no texto dessa matéria para operadores de leitura, sobretudo no off inicial, o qual combina a frase "Uma janela de esperança, mas de receptividade também" com uma imagem da Daniele brincando no balanço, vista através de uma janela presente em um dos muros da praça, o que chama pela reflexão do espectador. Operadores de interpelação são identificáveis também no primeiro off, em "E para você que não vive essa situação pode parecer simples, ou algo menor [...]" criando um diálogo direto com a audiência. O off final da matéria utiliza o cuidado da família com Daniele para apresentar um operador didático sobre o cuidado com o patrimônio da cidade: "E cuidar é uma palavra importante, porque se todos nós gostamos de cuidar de nossos amigos e familiares, isso vale também para a estrutura pública. Que o cuidado com a Daniele fique de exemplo para quem vier a utilizar esse espaço, que não é do município, é de todos nós."

A matéria não cumpre grande papel na relação com outros materiais do telejornal, mas o uso adequado dos operadores de leitura, interpelação e didáticos trazem uma mensagem interessante sobre respeito às pessoas com deficiência e ao poder público. O chamado a reflexão sobre os temas torna a matéria pertinente não apenas ao espectador de Passo Fundo, mas a toda a audiência do Segunda Edição.

- **Educação: VT Educação para Detentos – TV Univates (Lajeado)**

Imagem 8: Repórter Ronaldo Rempel entrevista o detento Diego



Fonte: Segunda Edição, 5 de Agosto de 2016

O VT é sobre o projeto de educação formal para detentos do presídio de Arroio do Meio, o qual havia iniciado na semana em que a matéria foi ao ar. O primeiro off traz informações gerais sobre a casa prisional como o número de detentos e sobre o programa, o qual consiste de uma turma do Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos – Neeja – aberta para dezenove detentos, com aulas ministradas no próprio local de reclusão. Um trecho de entrevista de Adalberto Koch, diretor do Neeja, explica o trabalho do professor em equilibrar os conteúdos para garantir a formação tanto para os que completam o Ensino Fundamental quanto para os que completam o Ensino Médio. Logo após, entra um trecho de fala de Andrea Minozzo, administradora do presídio, destacando a importância do Ensino Fundamental para a reinserção do ex-detento, considerando a dificuldade dessas pessoas em conseguir emprego após o tempo de reclusão. O próximo off apresenta o detento Diego, o qual deve cumprir mais seis anos de reclusão. Na entrevista, ele fica de costas para a câmera – a maioria dos presídios não permite a identificação dos seus ocupantes – e afirma ter dedicação aos estudos. O off e a entrevista seguintes apresentam Clarice Colognese, professora do programa, que afirma gostar muito, pois há grande valorização dos detentos ao trabalho docente. O último off traz a informação da redução da pena proporcionada pelo

programa e uma mensagem relativa a possibilidade dos estudos mudarem a vida dos detentos.

O VT apresenta como operadores de objetividade muitas imagens da casa prisional e das aulas bem como a escolha das fontes. Há operadores didáticos usados para descrever o programa como "Dezenove deles participam do Neeja, o Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos. As aulas são no presídio." Embora menos trabalhados, há alguns operadores de leitura, como na última frase do off final, "Entre os livros e cadernos, quem sabe está a chance de mudar de vida."

A matéria também não cumpre papel específico na relação com outros materiais do jornal. Porém, ela também apresenta um chamado a reflexão do espectador. Presumindo uma audiência interessada em contrapontos ao tratamento editorial de veículos privados, o VT é uma alternativa às inúmeras pautas com enfoque na crise do sistema prisional do Rio Grande do Sul.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme especificado nos princípios da Carta de Brasília, faz parte das obrigações da TV pública dar visibilidade a produção audiovisual regional. Em um momento em que a televisão tradicional tende a encolher em meio aos impactos inevitáveis trazidos pela internet, torna-se cada vez mais comum a limitação das redes comerciais aos seus telejornais baseados nas Capitais e, conseqüentemente, distantes do cidadão presente no interior do Brasil. Assim, fica visível o papel da comunicação pública no contato a essas regiões.

Segundo Coutinho e Mata (2010) há no contato próximo do cidadão com o telejornalismo local o crescimento do protagonismo do povo, através da sua experiência de vida e da sua narrativa. Nessa perspectiva, cresce o papel dos veículos menores, focados no interesse público local e que muitas vezes padecem de visibilidade devido à falta de ligação com os grandes conglomerados de mídia contemporâneos.

Dessa maneira, o conceito da parceria da TVE-RS com esses veículos menores se faz importante para o reencontro do cidadão do interior do Estado com seu direito à voz. Ainda que algumas emissoras locais tenham a possibilidade de transmissão em sinal aberto de televisão, a maioria absoluta delas opera através de concessões de faixas horárias em canais de televisão por assinatura, limitando o contato com tais produções locais a pouco mais de 30% da população, conforme já especificado nesse trabalho. Além disso, mesmo para as que não apresentam essa limitação, nenhuma apresenta estrutura de transmissão para todo o Rio Grande do Sul, presente na TVE-RS atualmente através das estações retransmissoras e via satélite.

No caso das TVs universitárias, das quais a maioria opera em canais de televisão paga, essa oportunidade se torna ainda mais importante, considerando o contexto no qual as funções de produtores, repórteres, cinegrafistas e editores são majoritariamente ocupadas por estudantes de jornalismo. Um fato curioso da rede de parceiros da TVE-RS é a inexistência de qualquer diferenciação entre profissionais formados e universitários no tratamento dado no Segundo Edição. A própria geração de caracteres dessas matérias segue um padrão tradicional, sobretudo em passagens dos repórteres, nas quais vai ao ar o crédito com nome deles junto com a cidade onde se encontram, ainda que muitas laudas enviadas juntamente com os arquivos de vídeo os identifiquem como "estudante" ou "acadêmico". Essa igualdade raramente está presente em emissoras de televisão aberta, e representa um aprendizado diferenciado aos futuros profissionais. Sendo a TVE-RS uma emissora cujo início das operações ocorreu de maneira vinculada a PUCRS, exibir conteúdo desses parceiros também homenageia esse passado.

O fato da constituição da rede de parceiros se basear a partir de um modelo característico da televisão pública aplicado ao telejornalismo, ainda traz múltiplas visões e características editoriais a um mesmo programa. Ainda que se façam ajustes das informações para encaixe no Segunda Edição, ter essas características preservadas nas matérias traz uma carga de diversidade bastante interessante para cada edição. Em sua análise da TV Brasil, Coutinho (2012) ressalta que essa é uma realidade ainda distante das redes comerciais

lideradas por emissoras "cabeças", as quais apostam em conteúdo produzido por espectadores, mas subordinado à lógica editorial do veículo. Assim, constitui-se princípio da TV pública a busca dessa diversidade.

Nesse sentido, a TV Brasil, como emissora de televisão pública deveria possibilitar a difusão de diferentes vozes, imagens e sons, produzidos segundo uma diversidade de princípios editoriais de tal modo que a pluralidade de opiniões e perspectivas fosse construída a partir da experimentação do direito de comunicar, em um canal público. (COUTINHO, 2012, p. 27).

Por conta desse respeito editorial, observa-se também um tratamento semelhante quanto à função de materiais produzidos por cada um dos grupos de parceiros colaboradores do Segunda Edição atualmente. Assim, embora esses usos não sigam estritamente os padrões, televisões universitárias, emissoras comunitárias e WebTVs tendem a colaborar com a informação do jornal de maneiras distintas, mas igualmente importantes para a construção da informação do programa.

Os veículos ligados as universidades são responsáveis majoritariamente por conteúdo ligado aos temas pouco presentes na mídia tradicional, bem como o tratamento aprofundado e reflexivo das matérias. Isso ocorre através de qualidades técnicas como boa captação e edição de imagens e também textuais, como o estabelecimento de diálogo com o espectador e convite ao pensamento sobre determinado assunto, conforme visualizado no VT da UPF TV sobre a praça para crianças com deficiência. Assim, essas emissoras ajudam o Segunda Edição a cumprir a função de proporcionar conteúdo visando aumentar o repertório de conhecimento do cidadão.

Por outro lado, televisões comunitárias lidam com o caráter regional do conteúdo e trazem para o jornal esse contato com assuntos importantes para cada uma das regiões do Rio Grande do Sul. Embora tecnicamente menos impressionantes que materiais universitários, as matérias de emissoras comunitárias trazem alta carga de informação, como é o caso da reportagem da TV Mar sobre Caxumba. Sem ela não seria possível construir pleno entendimento da mensagem construída. No ar, tal mensagem ficou mais do

que clara: A doença começa a ser um problema na Capital, mas em cidades como Rio Grande, já alcança números exorbitantes.

Já as WebTVs, geralmente ligadas a rádios locais, jornalistas independentes e pequenos empreendedores, em geral trabalham com estrutura de produção pequena na comparação com os outros dois grupos, o que torna a construção de reportagens consideravelmente menor. Porém, esse grupo é responsável por alimentar o Segunda Edição de uma variedade grande de imagens, as quais compõem, principalmente, as Notas Cobertas, e têm papel importante na construção do sucesso da comunicação através da televisão. Conforme Wolton (1996), a abundância dessas imagens é uma das razões principais do sucesso do laço que a televisão mantém com sua audiência:

A televisão é um espetáculo de um gênero particular, destinado a um público imenso, anônimo e heterogêneo, inseparável de uma programação que garante uma oferta quase contínua de imagens de gêneros e *status* diferentes. Esta é a razão fundamental do sucesso da televisão e da sua unidade, ou seja, a continuidade e a mistura diversificada de imagens, cuja recepção e interpretação ninguém domina. (WOLTON, 1996, p. 67).

Os jornais compõem o grupo que começou a participar mais recentemente da rede, e a partir da observação realizada não foi possível identificar se o mesmo cumpre construção específica no Segunda Edição como os três grupos anteriores. Entretanto, é curioso notar, considerando principalmente o VT sobre o projeto "Pretinhosidades" produzido pelo Jornal Gazeta do Sul, um dos impressos mais tradicionais do Rio Grande do Sul, a maneira como a reportagem dialoga com a linguagem tradicional do telejornalismo, se apresentando tão bom para ir ao ar tanto quanto materiais produzidos por emissoras de TV. Atualmente contando com um grande portal online de notícias e canal no Youtube, o caso do Jornal Gazeta do Sul demonstra claramente a lógica da Cultura da Convergência.

[...] a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção

a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação [...] (JENKINS, 2006, p. 325).

Nessa perspectiva, a colaboração entre a TVE-RS e o referido Jornal resulta em um exemplo prático de narrativa transmídia para o conteúdo do parceiro, uma vez que o conteúdo está presente em sua edição impressa, em seu portal online de notícias e na televisão, através da TVE-RS. Embora pouco usual no Brasil, a matéria demonstra uma das possibilidades desse novo paradigma da comunicação e nos faz pensar no conteúdo digital produzido no interior do Estado, o qual é pouco conhecido por conta da grande produção de notícias da Capital.

Entretanto, embora fiquem claros os benefícios da rede para ambos os lados e o papel dela na construção do telejornalismo público, há alguns pontos na sua operação e utilização que precisam ser observados. Mesmo antes do expressivo corte no orçamento da Fundação Piratini ocorrido em 2015, não se exibiam tanto conteúdos produzidos pelo interior do Estado como agora. Porém, a porcentagem de material da rede na Segunda Edição ainda é consideravelmente pequena para se atingir o objetivo da TVE-RS de representar todo o Estado em seu jornalismo. Isso se deve a dois fatores.

O primeiro deles se refere à questão do respeito editorial ao material produzido pelos parceiros, fazendo com que um dos pontos mais fortes da rede também gere algum ruído. Como a TVE-RS não intervém nas escolhas de pauta e muito menos na maneira como matérias serão construídas, existe a necessidade de um filtro com relação aos conteúdos, de maneira que reportagens de caráter institucional das Universidades, por exemplo, a menos que tenham muito interesse público, sejam descartados da possibilidade de entrar na Segunda Edição.

Além da maioria desses materiais não colaborarem na construção da comunicação pública, o próprio filtro demanda certo tempo dos profissionais operadores da rede de parceiros. Assim, parte de aproveitamento geral de conteúdos acaba sendo menor.

O segundo diz respeito a estrutura técnica, tanto da TVE-RS quanto das parceiras. Ao passo que alguns veículos possuem capacidade para produção diária de notícias, outros não têm a mesma possibilidade. Na prática, o jornal acaba por dedicar atenção variada a questões regionais, trazendo em suas edições mais conteúdo de Passo Fundo e Lajeado do que outras cidades, como Tapes, por exemplo. Além disso, esse ciclo faz com que um número razoável de veículos parceiros nunca tenha espaço nos telejornais.

Na TVE-RS, imperam as desvantagens de se operar um sistema híbrido tecnologicamente. Apesar das ilhas de edição não-linear já operarem na edição dos jornais, a operação de videoteipes no suíte e consequente necessidade de passar todos os conteúdos a serem exibidos para o obsoleto suporte de fitas DVC-Pro gerou um gargalo na edição, pois somente dois computadores têm a capacidade para fazer essa gravação. Esse fator gera atraso frequente nos processos, o que faz com que alguns materiais da rede sejam derrubados com relativa frequência por não ficarem prontos e gravados em fitas a tempo de irem ao ar.

Há também uma dificuldade referente ao sistema de internet da TVE-RS. Como não há custo para troca de conteúdos, o sistema utilizado, o WeTransfer.com, opera totalmente pela web, através do envio por e-mail de links para download de arquivos para os destinatários. Em dias que a conexão apresenta instabilidade ou está fora do ar, parte da operação da rede de parceiros se mantém paralisada.

Assim, é necessária a finalização da transição tecnológica para facilitar o processo de edição desses materiais e consequente aproveitamento deles. Com uma internet melhor, além de melhorar a operação geral da rede, pode-se programar a utilização de entradas ao vivo de estúdios dos veículos do interior do Estado, a partir de softwares como Skype, conforme expectativa da divisão de Novas Mídias.

Por fim, considera-se a rede de parceiros da TVE-RS importante na construção da informação pública de qualidade e na representatividade da diversidade de todos os cidadãos gaúchos no telejornal Segunda Edição. Porém, ainda há questões técnicas que devem melhorar a operação e o aproveitamento das matérias, a fim de concluir os ideais da rede por completo.

Também considero os objetivos do trabalho cumpridos. A partir da pesquisa bibliográfica sobre a TV brasileira, pode-se perceber o seu caráter majoritariamente privado e sua ligação com os ideais capitalistas. Além disso, foi possível analisar o papel da televisão pública como contraponto a esse modelo e função que a mesma possui para formação e transformação social.

Na busca cotidiana pela efetivação desses princípios, cabem vários méritos a TVE-RS e ao seu grupo de funcionários. É realmente complexo criar e estabelecer rotinas para exibição de material da rede e logo depois quebrá-los, enquanto se luta constantemente com problemas técnicos como a instabilidade da internet e a obsolescência de equipamentos, a qual atinge também a gravação e edição de matérias produzidas pela redação em Porto Alegre. Nesses momentos, fica clara a importância dos servidores qualificados no dia a dia do telejornal.

Através da observação da produção do interior gaúcho que foi possível desenvolver uma das conclusões mais importantes: a de que não é possível produzir comunicação pública de maneira totalmente centralizada. Da mesma maneira que todas as etnias, religiões, comunidades em situação de vulnerabilidade social e o público LGBT precisam estar representados no telejornalismo público, os cidadãos da Serra Gaúcha, da Fronteira Oeste, da Campanha, Região Central, Norte, Litoral, etc. também necessitam dessa visibilidade. Ainda existe um caminho longo para o pleno cumprimento desse objetivo. Porém, a rede consolidada atualmente no jornal Segunda Edição é um passo grande no sentido da consciência necessária para esse compromisso.

Sendo um instrumento de fortalecimento democrático, a televisão pública necessita de uma "redação" maior do que aquelas centralizadas em seus prédios. Precisa do trabalho desses jornais, universidades, veículos comunitários, WebTVs, e do cidadão. Quem sabe nessa consciência encontremos a fórmula para cumprir o expresso no Artigo 223 da Constituição e atinjamos a complementaridade dos sistemas de televisão presentes em todos os cantos do país.

REFERÊNCIAS

- Adobe. **Comprar o Adobe Premiere Pro CC**. Disponível em: <<http://www.adobe.com/br/products/premiere.html>>. Acesso em setembro de 2016.
- AGUIAR, Itamar. **TV Brasil: algo novo no ar**. 1 ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/35701/TV_Brasil_algo_novo_no%20_ar.pdf>. Acesso em Agosto de 2016.
- BUARQUE, Marco Dreer. Estratégias de preservação de longo prazo em acervos sonoros e audiovisuais. In: **Encontro Nacional de História Oral** (2008; São Leopoldo, RS). **Anais**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral. São Leopoldo: Unisinos, 2008. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1718.pdf>. Acesso em Setembro de 2016.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.
- BRASIL. Decreto nº 62.882, de 21 de Junho de 1968. Outorga concessão ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através de sua Secretária de Educação e Cultura para estabelecer na cidade de Porto Alegre uma estação de radiodifusão de sons e imagens (Televisão), para fins educativos. **Diário Oficial [da União]**, Brasília, v. 4, p. 5179, 25 jun. 1968. Seção 1.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 236, de 28 de Setembro de 1967. Complementa e modifica a Lei número 4.117 de 27 de agosto de 1962. **Diário Oficial [da União]**, Brasília, 09 mar. 1967. Seção 1. pt. 1.
- BRASIL. Lei nº 4.117, de 27 de Agosto de 1962. Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações. **Diário Oficial [da União]**, Brasília, 17 dez. 1962. Seção 1, pt. 1.
- COUTINHO, Iluska. Narrativas jornalísticas de referência: informação e diálogo na história da TV Pública. In: VIZEU, Alfredo et al (Org.). **Telejornal e Praça Pública: 65 anos de telejornalismo**. Coleção Jornalismo Audiovisual. vol. 4. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2015. p. 67-87.

COUTINHO, Iluska. Sobre o (Tele)Jornalismo Público: conceitos e métodos de análise. In:_____. (Org.). **A informação na TV pública**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013. p. 21-39.

COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. Dos personagens à incorporação do público: uma análise sobre o lugar do cidadão no telejornalismo. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

FERREIRA, Fernanda Vasques; MORAES, Lauro Almeida de; VARÃO, Rafiza. Origens da TV Pública: um panorama histórico e conceitual. In: SANTOS, Nádia Maria Weber; MORAES, Ana Luiza Coiro (Org.). **TVs Públicas: memórias de arquivos audiovisuais**. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 82-96.

FileZilla. **Frequently Asked Questions**. Disponível em: <<https://filezilla-project.org/faq.php>>. Acesso em setembro de 2016.

FINGER, Cristiane et al. Projeto Tecna – TVE-RS: desafios da televisão pública na cultura da convergência digital. In: SANTOS, Nádia Maria Weber; MORAES, Ana Luiza Coiro (Org.). **TVs Públicas: memórias de arquivos audiovisuais**. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 130-144.

FINGER, Cristiane. Revista TV Sul: os primórdios da programação da televisão no Rio Grande do Sul. In: VIZEU, Alfredo et al. (Org.). **Telejornal e Praça Pública: 65 anos de telejornalismo**. Coleção Jornalismo Audiovisual. vol. 4. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2015. p. 89-106.

FINGER, Cristiane. **TVs públicas & TVs privadas: ética e ideologia do controle dos meios de comunicação**. 2002. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Comunicação Social, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

FUNDAÇÃO CULTURAL PIRATINI – Rádio e Televisão. **No ar um projeto em construção: uma contribuição à memória TVE e FM Cultura**. 1. ed. Porto Alegre: 2002.

Fundação Padre Anchieta. **Linha do Tempo**. Disponível em: <<http://www2.tvcultura.com.br/fpa/>>. Acesso em Agosto de 2016.
TV Brasil. **Sobre a TV**. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/sobreatv>>. Acesso em Agosto de 2016.

Fundação Piratini. **Quem Somos**. Disponível em:
<<http://www.fundacaopiratini.rs.gov.br/?model=conteudo&menu=81>>. Acesso em maio de 2016.

GOMES, Itania Maria Mota. **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro**: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. In: INTERCOM, 28, Rio de Janeiro. UERJ, 2005. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1315-1.pdf>>. Acesso em agosto de 2016.

Grass Valley. **Edius Pro 8**. Disponível em:
<https://www.grassvalley.com/products/edius_pro_8>. Acesso em setembro de 2016.

HAGUETTE, Maria Teresa Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1992.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios 2014**: Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:
<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>>. Acesso em maio de 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Fernando. **Chatô: O Rei do Brasil**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Observatório do direito à comunicação. **Confira o documento final do Fórum de TVs Públicas**. Disponível em:
<<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=18362>>. Acesso em Agosto de 2016.

RAMOS, Maurício Luis da Silva; GOULART, Medianeira Pereira. O acervo audiovisual da TVE: memória institucional e patrimônio documental do Rio Grande do Sul, sob um olhar arquivístico. In: SANTOS, Nádya Maria Weber; MORAES, Ana Luiza Coiro (Org.). **TVs Públicas**: memórias de arquivos audiovisuais. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 98-110.

RICARDO, Militao De Maya. A rede de parceiros da TVE-RS. Porto Alegre, 2016. Entrevista concedida ao autor deste trabalho em 14 de setembro de 2016.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 7.476, de 31 de Dezembro de 1980. Autoriza a criação de Fundação. **Palácio Piratini**, Porto Alegre, 31 dez. 1980.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 10.536, de 08 de Agosto de 1995. Dispõe sobre o Conselho Deliberativo da Fundação Cultural Piratini - Rádio e Televisão e dá outras providências. **Palácio Piratini**, Porto Alegre, 08 ago. 1995.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 14.596, de 01 de Setembro de 2014. Institui o Estatuto da Fundação Piratini. **Palácio Piratini**, Porto Alegre, 01 set. 2014.

SANTOS, Nádia Maria Weber; MORAES, Ana Luiza Coiro. Considerações sobre o acervo audiovisual da TVE-RS: memória e patrimônio na televisão pública. In: _____. (Org.). **TVs Públicas**: memórias de arquivos audiovisuais. São Leopoldo: 1. ed. Oikos, 2016. p. 24-41.

Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Pesquisa brasileira de Mídia 2015**: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em Setembro de 2016.

SEGUNDA Edição. Apresentado por Dalva Bavaresco. Porto Alegre: Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, 25 de Julho de 2016, 19h. Duração 30 min. Disponível em: <<https://youtu.be/8SoIY5PDens>>.

SEGUNDA Edição. Apresentado por Dalva Bavaresco. Porto Alegre: Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, 26 de Julho de 2016, 19h. Duração 30 min. Disponível em: <<https://youtu.be/zfgYnFd2aWs>>.

SEGUNDA Edição. Apresentado por Dalva Bavaresco. Porto Alegre: Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, 27 de Julho de 2016, 19h. Duração 30 min. Disponível em: <<https://youtu.be/MEvxzgXXy18>>.

SEGUNDA Edição. Apresentado por Dalva Bavaresco. Porto Alegre: Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, 28 de Julho de 2016, 19h. Duração 30 min. Disponível em: <<https://youtu.be/nMhLyRHersE>>.

SEGUNDA Edição. Apresentado por Dalva Bavaresco. Porto Alegre: Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, 29 de Julho de 2016, 19h. Duração 30 min. Disponível em: <<https://youtu.be/0gSunhykJEk>>.

SEGUNDA Edição. Apresentado por Dalva Bavaresco. Porto Alegre: Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, 01 de Agosto de 2016, 19h. Duração 30 min. Disponível em: <<https://youtu.be/RVKIhvSDYWU>>.

SEGUNDA Edição. Apresentado por Dalva Bavaresco e Vitor Dalla Rosa. Porto Alegre: Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, 02 de Agosto de 2016, 19h. Duração 30 min. Disponível em: <<https://youtu.be/oTUz05ED7XU>>.

SEGUNDA Edição. Apresentado por Dalva Bavaresco e Vitor Dalla Rosa. Porto Alegre: Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, 03 de Agosto de 2016, 19h. Duração 30 min. Disponível em: <<https://youtu.be/FQsfDKMDtmM>>.

SEGUNDA Edição. Apresentado por Dalva Bavaresco e Vitor Dalla Rosa. Porto Alegre: Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, 04 de Agosto de 2016, 19h. Duração 30 min. Disponível em: <https://youtu.be/qiWTQ_Nx9jE>.

SEGUNDA Edição. Apresentado por Dalva Bavaresco e Vitor Dalla Rosa. Porto Alegre: Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, 05 de Agosto de 2016, 19h. Duração 30 min. Disponível em: <<https://youtu.be/Yf-uVVZ-uHU>>.

TORVES, José Carlos. **Televisão Pública**. 1. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2007.

TV SUL PROGRAMAS. Porto Alegre: Ferreyro e Cia. LTDA, n. 1, Agosto de 1963. Disponível em: <<http://eusoufamecos.uni5.net/nupecc/conteudo/acervodigital/revista-tv-sul-programas/>>. Acesso em setembro 2016.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

APÊNDICE - Lista completa de materiais da rede exibidos no Segunda Edição durante a observação

25/07/2016 – Segunda-Feira – 19 laudas – 21,05% da edição

- TV MAR – Rio Grande: VT sobre a incidência de caxumba na cidade.
- WEB TV Cidade 10 – Santana do Livramento: NC sobre preparativos para a Feisul.
- TV UNIVATES – Lajeado: VT sobre a Festa de São Cristóvão, padroeiro dos motoristas.
- TV UNIVATES – Lajeado: VT sobre um projeto de uma biblioteca comunitária na cidade.

26/07/2016 – Terça-Feira – 18 laudas – 22,2% da edição

- VALE TV – Novo Hamburgo: VT sobre o bom resultado das exportações gaúchos de calçados no primeiro semestre.
- UPF TV – Passo Fundo: VT sobre aumento do mercado de produtos de beleza masculinos.
- LAGOA WEB TV – Tapes: Nota Jantão sobre a chuva forte na cidade.
- TV UNIVATES – Lajeado: VT sobre a situação de uma ONG local que cuida de animais.

27/07/2016 – Quarta-Feira – 19 laudas – 10,5% da edição

- TV CAXIAS – Caxias do Sul: Nota Jantão sobre o Dia de Combate às hepatites virais.
- TV CULTURA DO VALE – Montenegro: VT sobre projeto de atividades para alunos em férias escolar.

28/07/2016 – Quinta-Feira – 18 laudas – 5,5% da edição

- TV UNIVATES – Lajeado: VT sobre o trabalho da Sociedade Lajeadense de Auxílio aos Necessitados.

29/07/2016 – Sexta-Feira – 18 laudas – 5,5% da edição

- UPF TV – Passo Fundo: VT sobre uso de madeira de demolição para fabricação de móveis.

01/08/2016 – Segunda-Feira – 18 laudas – 16,6% da edição

- TV CULTURA DO VALE – Montenegro: VT sobre aumento dos pedidos de seguro desemprego.
- TV UNIVATES – Lajeado: VT sobre potencial consumidor da cidade, segundo o Sebrae.
- VALE TV – Novo Hamburgo: NC sobre exposição sobre a imigração alemã em Campo Bom.

02/08/2016 – Terça-Feira – 19 laudas – 15,7% da edição

- TV MAR – Rio Grande: Stand UP ilustrado da operação Lava Jato na Empresa Queiroz Galvão, que ocorreu na cidade.
- TV IJUÍ - Ijuí - VT sobre o abandono da obra de uma creche comunitária.
- UPF TV – Passo Fundo: VT sobre uma praça voltada para crianças com deficiência.

03/08/2016 – Quarta-Feira – 19 laudas – 10,2% da edição

- UNICRUZ TV – Cruz Alta: VT sobre mercado da venda de roupas em brechós.
- TV UNIFRA – Santa Maria: Encerra do "mamasso", evento de conscientização do aleitamento materno.

04/08/2016 – Quinta-Feira – 20 laudas – 40% da edição

- TV CULTURA DO VALE – Montenegro: NC sobre a situação do Hospital Montenegro.
- DIÁRIO POPULAR – Pelotas: NC sobre fuga de presidiários na cidade.
- LAGOA WEBTV – Tapes, TV UCPEL – Pelotas, TV CACHOEIRA – Cachoeira do Sul, VALE TV – Novo Hamburgo: NC lapada da paralisação dos servidores estaduais.
- UPF TV – Passo Fundo VT sobre a UTI Neonatal do Hospital da Cidade de Passo Fundo.
- JORNAL GAZETA DO SUL – Santa Cruz do Sul: VT sobre projeto fotográfico com crianças negras.

05/08/2016 – Sexta-Feira – 18 laudas – 11,1% da edição

- UPF TV – Passo Fundo: VT sobre programa de Aprendizagem da Prefeitura da Cidade.
- TV UNIVATES – Lajeado: VT sobre projeto de educação para detentos do presídio de Arroio do Meio.

ANEXO - Entrevista com Militão de Maya Ricardo, um dos idealizadores da rede

Como começou a ideia da rede das parceiras?

A ideia na rede foi uma... Era uma das linhas de ação que foi traçada para essa gestão da TVE dar uma atenção grande ao interior. Isso aí e também uma das linhas de plano de governo se preocupar com o desenvolvimento do interior do Estado e a comunicação é uma dimensão absolutamente importante né tanto para o desenvolvimento da sociedade cultural educacional e mesmo desenvolvimento comercial econômico. Tu ter informação circulando, as pessoas saberem o que tá acontecendo dentro do Estado, o que tá se fazendo isso é bastante importante. Então por isso um dos planos que foram traçados, uma das linhas que essa direção traçou foi a gente se aproximar com o interior.

Uma das digamos estratégias de ação para implementar isso aí seria procurar contato com as emissoras universitárias que a gente sabe que, eu como já trabalho lecionando, sou professor, frequento meio acadêmico de comunicação e de jornalismo do Estado já há bastante tempo, eu trabalhei na fundação da TV UNISC em 1996, aí eu fui incumbido de procurar o contato com as emissoras universitárias e estudar maneiras da gente fazer o intercâmbio de material. Eu acho que talvez aí a nossa inovação e a nossa abordagem diferente, a gente definiu que teria que ser uma rede mais no sentido de Rede do século XXI, uma rede mais horizontal, uma rede de parceria não no sentido daquela rede de televisão que tu tinha uma cabeça de rede que dava toda a identidade para aquela rede, que estabelecia a padrões de formatação de notícia e principalmente definir o que eram as pautas de interesse e o que não era.

A equipe aqui da TVE, do jornalismo junto com as novas mídias concebeu essa rede como uma rede bem horizontal de troca e de parceria. Então havia uma preocupação não somente da gente buscar conteúdos deles, mas também da gente oferecer alguma coisa que fosse de valor para eles também de forma que fosse uma relação benéfica para todos. A gente

começou pelo jornalismo sabendo que a maior parte dessas emissoras elas têm programação jornalística e nos interessava naquele momento buscar informação no interior porque a TVE nesse momento não tem nenhuma condição de ter sucursais e sustentar sucursais no interior, a própria TV comercial tá encolhendo, os custos hoje não são mais sustentados pelo retorno publicitário. Isso na TV comercial, né, e a gente sabendo que o estado tá completamente com um problema financeiro muito grave a gente teve que enxugar custos aqui dentro da TV e a gente tinha que achar uma solução de baixo custo.

E aí entrou a internet como ferramenta, que hoje é possível com o FTP, o Wettransfer, o Dropbox, e todas aquelas diferentes opções que a gente tem ficou muito simples e muito barato a gente enviar matérias para os parceiros e receber matérias dos parceiros. Então a gente foi fazendo contato começamos pela TV Feevale que já tinha um convênio com a TVE, telefonamos, eles tiveram interesse, começamos a conversar, foram se juntando outras emissoras universitárias do Estado: a TV da Universidade Católica de Pelotas também foi uma das primeiras e assim por diante.

Aí através de contatos dos profissionais aqui da TV nós começamos a fazer contato também com as emissoras comunitárias. Começamos com a TV Caxias, que veio prontamente aqui conversar, se interessou e entrou bem rapidamente entrou na Parceria. Daqui a pouco quando a gente fez uma breve divulgação fomos procurados por outras emissoras e aí descobrimos que no interior do Estado estão surgindo web TVs. Algumas pessoas que são empreendedores que estão montando um pequeno estúdio de TV, cobrindo eventos, estão fazendo programas, estão fazendo alguns programas de notícias e que tinham condições de produzir notícias e nos enviar e igualmente tinham interesse em receber notícias da Capital produzidas pela equipe da TVE, de forma que se estabeleceu essa forma de parceria e de benefício mútuo.

Então assim que começou a funcionar a rede. No momento em que o Jornal da TVE começou a ir para o ar com notícias do interior e identificando que isso era feito através de uma parceria isso começou a reverberar. Então hoje... A gente também foi procurando, procurando contatos na internet e

nesse momento são 39 parceiros, eu acho. Chegou um segundo momento em que a gente começou a identificar alguns jornais do interior que já tinham edição digital que estavam fazendo vídeos e colocando nos seus sites. Então nós conversamos. O primeiro deles foi o jornal Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul, que há mais de 10 anos já tinha sua edição digital, então eles também foram muito receptivos. E tem sido um parceiro constante do jornalismo da TVE, enviam matérias. Temos também o jornal Bom Dia de Erechim também tá mandando matérias. Então acho que a gente tá... Eu acho que a inovação dá nisso aí. A gente tecnologicamente... Acho que a internet ofereceu... A tecnologia de redes digitais nos permitiu fazer isso a um custo compatível.

Havia benefício mútuo para a TVE e para os parceiros e a gente também procurou incentivar, já promovemos dois encontros até agora dos parceiros, para incentivar que não ficasse essa estrutura de rede centralizada na TVE, mas sim que ela criasse uma rede de estrutura distribuída de forma que os parceiros, de todos os parceiros se articulem entre si de forma que mesmo que se a TVE saia da rede, a rede continue existindo. Ela é importante para o Rio Grande do Sul. Que haja uma rede de comunicação onde tu possa acessar informação sobre tudo que acontece em todo o Estado. Isso é muito importante para o estado e também acho que é motivo de muito orgulho para TVE.

Hoje o telejornalismo, ele mostra matérias feitas no interior do Estado que são pautadas e são produzidas pelo parceiro do interior. Não é uma demanda nossa. É muito importante assim. Pode parecer que não tem muita diferença, pode parecer sutil, mas na verdade o jornalista, as centrais de jornalismo de cada parceiro eles estão lá na região, eles sabem o que são os assuntos importantes para aquela região, eles levantam, fazem essas matérias. Então a gente tá se beneficiando está sendo informado por uma pessoa que está lá na região do que é importante e que é levado ao ar aqui na TVE. Então isso cria um mosaico, acho, muito rico e muito vivo, dos acontecimentos e dos fatos importantes em todo o estado. Acho que isso trouxe uma qualidade muito importante para o telejornalismo da TVE.

Ela é baseada em algum modelo que já existia?

Não. Nós fomos criando. Nós fizemos uma análise da situação, vimos quais ferramentas nós tínhamos disponíveis e dissemos assim: “vamos trocar material com os parceiros.” Quer dizer, isso é tradicional entre emissoras de televisão trocar material, mas a gente procurou colocar isso dentro de uma perspectiva de rede distribuída. Que é uma coisa já em tempos de internet, né. Não de rede centralizada, mas de rede distribuída. Isso é diferente. Estamos ainda...

A questão de uma emissora de TV e um jornal trocarem conteúdo não é, isso já se fazia no final da década de 90 nos Estados Unidos. Já tinha a emissora local com o jornal local, até porque nos Estados Unidos não podia ser da mesma empresa, então eles faziam parcerias estratégicas. No Rio Grande do Sul há muito tempo que a Zero Hora botou uma ilha ali dentro, com a TVCOM e tal. Entravam boletins e debates, notícias direto da redação da Zero Hora. Não é novidade. Mas entre empresas diferentes de cidades diferentes e trabalhar TVs Públicas como é a TVE, TVs, que são algumas das universidades públicas, como é o caso da TV UFRGS, da TV da Universidade Federal de Santa Maria. Com TVs comunitárias, como é o caso da TV Caxias, com TVs Privadas, como é o caso da TV Ijuí, da TV Mar de Rio Grande. Quer dizer, nós estamos fazendo realmente um “pool” de emissoras, instituições de diferentes naturezas jurídicas, né, mas que tem um interesse em comum, que eu acho que estão se ajudando mutuamente para bem do Rio Grande do Sul, né, porque nós estamos fazendo circular informação de qualidade para todo o Estado.

E achamos que a TVE está auxiliando o desenvolvimento desses parceiros no interior do Estado, porque nós observamos com o passar do tempo. Primeiro, se sentiram muito estimulados pelo fato de terem matéria e conteúdos seus estarem sendo transmitidos pela TVE para todo o Estado, né, pelo sistema aí das 39 transmissoras da TVE em todo o Estado e pelo satélite, né. Então isso estimulou muito. Segundo, o intercâmbio técnico de troca no dia a dia também acho que auxiliou um pouquinho a capacitação de certos parceiros que se sentiram estimulados a qualificar ainda mais o seu produto. Acho que também influenciou a TVE porque tem parceiros que tem um trabalho de altíssima qualidade como é o caso da TV Feevale, é o caso da TV Caxias.

Várias emissoras universitárias têm, realmente, material de muito boa qualidade como a TV Unisinos que é nossa parceira. Então acho que isso têm sido benéfico para todo mundo.

E como tu avaliou a questão técnica que tínhamos aqui? 80% das coisas eram em fita, isso chegou a preocupar vocês? Como aconteceu no início da rede?

Não, o que a gente procurou fazer foi criar... Estabelecer uma configuração técnica aqui dentro que permitisse, e tu sabe muito bem, porque é uma das pessoas que opera isso, que permitisse digitalizar as nossas matérias para poder enviar pela internet para os nossos parceiros, né. Enquanto ainda não estava... O sistema ainda não estava completo, né, com as ilhas de edição não-linear aqui no Jornalismo, então nós tínhamos que capturar o material para poder digitalizar para poder mandar pela internet, que é o grande link, a grande forma de entrega desse material para os parceiros.

Então, foi fazer... É bem uma situação de transição, né. Da fita digital, do sistema linear para o sistema não-linear né, totalmente digital.

Que é o que a gente precisa para usar a internet, né?

Exato.

Agora estamos em uma fase mais avançada dessa transição. Como tu avalia a importância desse salto para a rede?

Eu acho que isso confere mais agilidade para o processo, né. Eu acho que, tanto que nós tivemos que fazer essa adaptação, porque o sistema aqui da TV previa ser um sistema completamente estanque, né. De chegar a matéria com cartão de memória da câmara, esse cartão ser inserido numa leitora, que manda para a memória central aqui da TV e se pretendia que esse

sistema não teria contato com a internet, para evitar contaminação por vírus e esse tipo de coisa.

Aí foi um aspecto muito interessante desse trabalho de rede, que é aquela coisa assim, quando a gente trabalha em rede a gente não está sozinho. Não pode ficar desconectado. Por que? Porque ao longo desses meses de trabalho se provou que era importante receber e que as ilhas de edição não-linear pudessem receber as matérias que vinham dos parceiros, porque a gente tem que legendar, às vezes, por questão de formatação, fazer um reaproveitamento, encurtar uma matéria, um ajuste e ao mesmo tempo é importante também a gente poder exportar as nossas matérias sem o GC, né, sem a computação gráfica, títulos, aquelas coisas, para poder mandar para os parceiros porque a gente estabeleceu, pelo menos até agora, que cada um coloca o seu GC, né, que é de uma determinada formatação.

Então isso mostrou que o nosso sistema não pode ser totalmente estanque. Então nós fizemos reuniões lá com a equipe técnica para dizer “gente, tem que ter uma maneira das matérias que chegam via internet poder chegar na ilha de edição não-linear do Jornalismo e ao mesmo tempo tem que ter uma maneira do que é produzido nas ilhas não-lineares aqui do Jornalismo, também ser transferido para a internet, aqui para a rede da nossa redação para que se possa compartilhar com os parceiros.”

Que ainda não está pronto inclusive.

Exato. Que é um melhoramento que precisa ser feito, mas isso mostra que quando a gente está em rede, não dá para um Jornal da TVE ficar completamente estanque, porque a gente não faz mais jornalismo isolado, a gente troca matérias com os parceiros. Isso aí eu acredito que só vai se implementar mais ainda porque agora nós estamos entrando em um segundo estágio, que é a TVE passar a veicular programas produzidos por alguns desses parceiros. Várias deles notadamente produzem programas muito bons. As universitárias, as comunitárias e já foi feita uma seleção de programas para uma faixa de horário da TVE e que vai mostrar a produção produzida no

Estado. Então, da mesma forma, a gente não tem que ficar estanque, tecnicamente isolado.

Acho que, só aproveitando o gancho, essa percepção de mudança do sistema permitiu, por exemplo, que a gente usasse material do whatsapp, material produzido pelas assessorias de imprensa, acho que é um exemplo prático de como a rede mudou nossa forma de trabalhar.

Exato. Tem ferramentas que são muito acessíveis e são muito versáteis. O caso do whatsapp é esse. Tu tem uma foto ou até um vídeo que o repórter pode ter gravado ou o cinegrafista pode ter usado o celular e enviando por 3G esse vídeo por chegar em questão de minutos. Em questão de meia hora pode estar na redação muito antes da equipe voltar da rua. Para Jornalismo isso é extremamente importante. Então a gente tem que estar muito aberto porque é exatamente uma coisa que tu falou. Não tem uma forma pronta, um modelo tipo “Ah, o modelo agora é esse.”

Nós estamos em um momento em que a gente tem que testar um leque grande até de opções técnicas que se tem e criar uma logística aqui, de forma que a gente consiga se aproveitar da melhor forma possível dos recursos técnicos e da agilidade e custo baixo para a operação de jornalismo, porque hoje é fundamental, não somente para a TVE, que é uma emissora pública nesse momento que o Estado, tem que priorizar recursos para a segurança, educação, mas se a gente olhar como um todo para a operação hoje de televisão, mesmo as grande emissoras comerciais estão se transformando também, porque o mercado publicitário mudou muito. Ele está muito pulverizado também. Então não consegue se captar aquela quantidade grande de recursos que se usava para sustentar uma operação grande de televisão, então tem que se utilizar criatividade e o novo pacote tecnológico, com equipamentos menores e mais baratos, porém até mais potentes, para criar sistemas que sejam ágeis, que a gente tenha a condição de capturar e de enviar a informação, que isso continua sendo fundamental no jornalismo, e que seja de um custo mais baixo. Isso a tecnologia tem nos ajudado, mas não tem

um modelo pronto, a gente tem que usar a criatividade. Que bom que não tem um modelo pronto e que cada um possa montar o seu pacote de maneira que fique e atenda os interesses do público e no caso da TVE, que atenda os interesses da sociedade. E para que a gente possa continuar enviando informação boa e informação de qualidade, o que está acontecendo em todo o Rio Grande do Sul e a um custo compatível, sem causar muito impacto às finanças do Estado. Isso é fundamental hoje para continuar a operação da TVE.

Que desafios tu vê para a consolidação plena da rede?

Tem que continuar crescendo e desenvolvendo a logística e o pacote técnico. Têm coisas, por exemplo, que o próximo passo é a gente montar um sistema mais automatizado para operar essa troca de matéria. Porque tu sabes muito bem, porque é tu que fazes isso, tudo ainda é feito de uma forma muito manual. Tem que mandar a mesma matéria diversas vezes para vários parceiros quando eles pedem a matéria. Se a gente tivesse de transferência de arquivo, uma espécie de uma Nuvem, que com um cadastro de banco de dados, quer dizer, que a gente vai cadastrar os parceiros para que tenham acesso. Todo mundo põe a sua matéria. Cada emissora põe a matéria que produziu ali e pega as matérias dos parceiros ali também. Se a gente fizer isso por um sistema de registro automático, o parceiro coloca a senha, entra lá e o sistema já sabe que é aquele parceiro, que deixou aquela matéria e pegou tais e tais matérias. Então, tu só tem que subir aquela matéria para a Nuvem uma vez, né. E tudo que tu baixar o sistema registra e dá um relatório para todo mundo. Então isso vai facilitar e dinamizar o trabalho interno aqui. Então acho que definitivamente esse é próximo passo para melhorar as operações aqui no Jornalismo e também nesse segundo momento em que vai se trocar programação, pelo menos receber programas dos parceiros para exibir. Isso vai ajudar bastante, né.

São desenvolvimentos que a gente a gente vai fazendo. Eu acho que quando a gente tiver um pacote de internet confiável nas duas pontas a gente

poderá também começar a utilizar videoconferência para fazer boletins ao vivo ou para gravar boletins próximo do horário de entrada do jornal no ar, ou para fazer boletins ao vivo gerado por um parceiro ou gerado da gente para um parceiro, usando Skype ou Google Hangout, qualquer coisa de videoconferência.

Semelhante ao Link da FM Cultura que a gente tem aqui.

Isso, isso. A gente faz. Essa é outra integração legal de mídias. Tu vê o comentarista lá do estúdio da FM Cultura entra no ar, faz um comentário na TV. Tem outro aspecto também que é muito importante. A gente está falando até agora sobre produção né. Mas sobre a questão de distribuição hoje em dia da produção televisiva a gente está distribuindo pela antena como se faz tradicionalmente, mas é muito importante hoje a distribuição através da internet. Cada vez tem uma importância maior como meio de distribuição de conteúdo. Então é muito importante hoje o Canal da TVE no Youtube que contém tudo que é produzido pela TVE, Jornalismo e Produção. Tudo está disponível para as pessoas no Youtube, a partir de 24, 48 horas depois de ir ao ar os programas.

No caso dos telejornais o jornal ali da uma hora, até três da tarde já está disponível no Youtube. O telejornal da noite por enquanto só estamos conseguindo botar no outro dia de manhã, mas enfim. E os programas. Então nós já estamos distribuindo notícias via Twitter, via Facebook, via Youtube. Então, também a gente tem que estar presente nesses novos canais de entrega porque o público está nesses canais e está querendo receber nossa informação. Principalmente nós que somos uma emissora pública, né. Já somos pagos para fazer esse trabalho pela sociedade, então quanto mais canais que a gente puder encontrar, de novo, com um custo compatível, acho que mais e melhor estaremos cumprindo com a função da TVE.

Como tu vê o papel dos parceiros para consolidar a TVE dentro da lógica da convergência de mídias?

Acho que é extremamente importante, porque do ponto de vista, acho que o melhor exemplo que a gente tem é o caso da Gazeta do Sul, Jornal Bom Dia, as WebTVs também, que são formatações novas. Nós temos algumas WebTVs que surgiram de emissoras de rádio. Outras surgiram espontaneamente assim, do empreendedor que era jornalista. A de Santana do Livramento é um jornalista, radialista que comprou equipamento e começou a produzir. Juntou uma equipe e tal. Então a gente tem que cada vez mais pensar do ponto de vista da troca de informação, da troca de conteúdo. De criar uma rede que se ajuda mutuamente, se reforça mutuamente, porque do ponto de vista técnico cada vez vai ser mais simples tu fazer uma integração. Essa questão da convergência cada vez vai ser mais simples. Nós já temos aí. A Gazeta do Sul nos manda vídeo, o Jornal Bom Dia de Erechim, que eram tradicionalmente Jornais e que ainda são impressos e entregues na rua, mas eles já têm presença no meio digital. Então, estando digitalizado o conteúdo, a gente pode intercambiar com eles, assim como oferecemos as nossas matérias para eles botarem no site deles.

Então eu acredito que cada vez mais o que vai importar é a qualidade do parceiro no sentido de produtor de conteúdo, porque tecnicamente, se a tendência é continuar havendo esse desenvolvimento tecnológico, cada vez vai ser mais fácil de integrar e isso representa um desafio para o profissional de comunicação, para o jornalista, que realmente tem que ter uma noção básica de todas essas ferramentas porque nós mesmos aqui produzimos programas de TV, colocamos no ar, mas colocamos no Youtube, colocamos no Twitter, nós colocamos no Facebook e em alguns desses espaços há um interfaceamento acompanhado de textos, tu tem que colocar texto junto, tem que colocar vídeo. Nós pegamos algumas reportagens especiais, séries de reportagens especiais, estamos publicando no site, porque são conteúdos mais duradouros que não perdem a validade, que então a gente está colocando no site para que fique a disposição. Então cada vez mais vai ser importante o jornalista entender que é normal que ele tenha um foco principal em alguma ferramenta, mas tem que estar preparado para trabalhar em ambiente de convergência, estar preparado para abrir uma página no Facebook, escrever um texto ali. Aquela mesma cabeça ali que faz para o locutor ler no jornal, tu

vai pegar e vai adaptar ela ali. Aquele paragrafinho de abertura tu coloca pra postar no Facebook, ou no site ou no Youtube.

Porque a gente pode até visualizar nos próximos anos, na verdade nós já começamos esse trabalho aqui, quer dizer. Quando eu desci o ano passado para a redação, trouxe a equipe de novas mídias para dentro da redação não foi à toa. Era para forçar essa integração, para que o pessoal se desse conta de “ó, tem o Youtube, tem a coisa, não adianta só pegar a minha matéria, ah, tá pronta, entregar lá na técnica e já fiz a minha tarefa.” Não, tem que colocar na internet. E colocar na internet é diferente, Não precisa entregar para o técnico botar no transmissor, não sei o que. Tu abre o computador na tua frente, está ali o transmissor. É tu que coloca, tu jornalista que coloca. Com o auxílio do webdesigner, com o auxílio de um programador, tem que ter uma equipe específica, mas não é lá na outra sala ou setor, é integrado, porque é um processo muito ágil. A internet é tão ágil quanto o rádio. Tem que ser muito rápido.

Então a gente pode pensar que no futuro talvez a própria FM Cultura e a TVE juntem as redações e tu tenha tudo no ambiente só. E de onde vem a informação e para onde essa informação vai sair, se vai sair pela antena, se vai sair pela internet, na rede social, se vai sair pela internet, num ambiente de áudio, se vai sair pela internet na estrutura do ambiente de vídeo, o Youtube, tudo vai ser muito próximo. Já é próximo. Não vai ser, já é oróxima. Tanto que tu abre um computador, no mesmo computador tu edita vídeo, tu edita áudio, publica pra cá, publica pra lá. Lógico que uma pessoa sozinha não consegue fazer tudo por uma questão de tempo. Mas eu vejo isso já está integrado e cada vez mais integrado.

Que nem acontece já em parceiros, Jornais que produzem vídeos, rádios que produzem vídeos.

A Gazeta do Sul de Santa Cruz do Sul tem um case muito interessante. Eles estavam se preparando para abrir um canal de UHF lá na cidade e construindo uma coisa separada. Hoje eles fizeram dentro da redação do

Jornal, a Gazeta do Sul, uma parte lá para TV. Eles já estão pensando que é equipe de Jornalismo. Lógico que vai ter jornalistas que vão estar mais focados em fazer texto e foto e outros vão estar mais focado em fazer vídeo, mas não tem aquela coisa estanque. Não é aquela coisa que ficam falando “Ah, o repórter abelha, que vai fazer um monte coisa direto da rua.” Não adianta, o cara sozinho não consegue ir pra rua, gravar, sentar, fazer foto, escrever o texto, editar a foto e depois vai gravar o áudio, juntar e depois vai fazer o vídeo. Quando terminar de fazer o último a matéria já esfriou. Mas eu tenho certeza que hoje o profissional tem que estar preparado para lidar com todas elas. É muito provável que ele vai se tornar especialista em uma delas, mas ele tem que estar preparado para essa convergência, essa integração. Tem que estar sentado ao lado do cara do rádio, “para fazer aqui, deixa que gravo isso aqui, eu corto isso, tu edita.” Essa flexibilidade vai ser muito importante, com certeza.